



Foto: Luisa Calmon/Labfoto

- E aí,  
como vai?

- Comigo,  
tudo bem! 😊

Páginas 13 a 22

- Homens que podem chorar • Quando família e trabalho pesam na saúde mental
- Onde encontrar psicoterapia gratuita • O que faconianos fazem para manter a “mente sã”

### Página 3

Entenda como a Era de Aquário explica a reinvenção da astrologia

### Página 5 a 7

Qualidade da água e produção artesanal aquecem mercado de ‘brejas’ baianas

### Páginas 10 e 11

A cada 10 autores do curso de Comunicação da Facom, 7 são homens





# EDITORIAL

**D**iscussão cada vez mais urgente na universidade e fora dela, a saúde mental dá o tom desta edição do Jornal da Facom. No especial *Mente Sã*, reunimos uma série de reportagens abordando o assunto sob diferentes óticas: aguçamos os sentidos para entender a masculinidade saudável - a antonímia da tão falada masculinidade tóxica, caminhamos pelos multifatores da ansiedade, tivemos um olhar sensível sobre os familiares de pacientes de Alzheimer, além de ouvirmos quem busca reinserção no mercado de trabalho após crises depressivas. Trazemos, também, uma lista com dezenas de instituições de psicoterapia gratuitas ou de baixo custo em Salvador. Para além do especial temático, as páginas a seguir trazem mais um bocado de assuntos. Você lerá, por exemplo, sobre o hype da astrologia, sobre como a água de uma cidade baiana atrai grandes marcas de cervejas e o ourives soteropolitano que já fez joias para a Rainha Elizabeth II e para o Papa João Paulo II. Conhecerá, também, o programa da PM que utiliza a cavalaria para ajudar crianças e adolescentes com deficiência. Trazemos um resgate histórico dos “ingredientes” do Samba-Reggae e um levantamento sobre a predominância masculina nas referências bibliográficas - fizemos o dever de casa olhando para como isso se dá na própria Facom, com uma reportagem de dados sobre os nossos cursos. O Jornal da Facom também fez uma viagem no tempo para falar sobre o histórico (e ameaçado) Hotel São Bento, em Salvador. São muitos assuntos, muitas vozes e muitas perspectivas — exatamente como uma universidade ‘balbúrdiana’ deve ser. Boa leitura!

## JORNAL DA FACOM

Junho 2019

Jornal Laboratório da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia  
Rua Barão de Geremoabo s/n, Campus de Ondina  
CEP 40.170-115 Salvador – Bahia - Brasil

### EXPEDIENTE

Produção da disciplina  
Oficina de Jornalismo Impresso  
Primeira edição, semestre 2019-1

**Reitor:** João Carlos Salles

**Diretora da Facom:** Suzana Barbosa

**Coordenação Editorial:** Alexandro Mota - DRT/BA 4634

**Edição de Arte e Diagramação:** Carla A. Risso, - MTb 19.260

**Editores:** Álene Edriele, Ana Carolina Faria, Carla Galante, Gabriele Santana, Júlia Lobo, Lahara Carneiro, Maria Lara Pires Dias

**Repórterxs (turma 2019.1):** Álene Edriele, Ana Carolina Faria, Bruno Santana, Carla Galante, Fernanda Lima, Gabriel Nunes, Gabriel Vieira Bastos, Gabriele Santana, João Victor Lima,

Júlia Lobo, Lahara Carneiro, Luísa Carvalho, Maria Beatriz Pacheco, Maria Lara Pires Dias, Nicolle Pereira, Thainara Oliveira, Thídila Salim, Victor Ferreira Fonseca, Victor Lucca.

**Colaboraram:** Pedro Victor Franklin Santana, Romário Almeida, Sara Couto

**Fotógrafos:** Luisa Calmon/Labfoto, Alessandra Benini/Labfoto, Walter Mauro/Labfoto, Benedito Cirilo/Labfoto

**Agradecimentos:**

Igor Rizutti (foto de capa)

Talisson Figueredo (foto ‘A caixa dos homens’)

**Projeto Gráfico:** Amanda Lauton Carilho/EDUFBA

**Distribuição gratuita**

**Contato:** jornaldafacomufba@gmail.com



# A era de aquário

## A astrologia saiu do horóscopo e é decisiva nos rolês, nos memes e até no Tinder

Gabriel Nunes, aquariano

Sol, lua e ascendente. A gente tem ouvido falar cada vez mais nessas palavras. A astrologia se consolidou como um fenômeno de cultura global, com uma linguagem cada vez mais atual e ligada nas tendências. Twitamos sobre o assunto, compartilhamos memes, postamos stories no Instagram e discutimos na roda dos amigos, acreditando, ou nem tanto, nos astros. Mas, o que realmente muda hoje é a forma com que a astrologia é consumida e a escala de atenção que ganhou entre os jovens.

O curioso é que a própria astrologia tem uma explicação para esse fenômeno: a chamada Era de Aquário. De acordo com a astróloga Monalisa Lessa (@sincronicidadeastral), as eras cósmicas estão relacionadas com os ciclos da humanidade e du-

ram cerca de 2.000 anos. “Com o surgimento da Internet, na década de 90, entramos na Era de Aquário. Isso possibilita uma nova forma de comunicação, novas tecnologias, e quebra de preconceitos”, explica.

É aí que nós, a geração Z, entramos. Dados do portal astrológico Peoplestrology indicam que 47% dos jovens nascidos depois de 1996 acreditam em astrologia. Nascemos praticamente imersos nesse universo de comunicação instantânea, quebra de estruturas, cliques e toques rápidos. Vivemos a ascensão da pluralidade: ser diferente e único é, praticamente, indispensável. “As gerações passadas acreditavam numa vida cuja receita de felicidade era a mesma para todo mundo: se formar, ter um bom emprego, dinheiro e filhos. A geração Z está mais preocupada em viver uma vida feliz, sem receitas prontas”, ilustra Monalisa.

### O nosso mapa na nossa tela

Se antes achávamos as informações em revistas e colunas de gurus e cartomantes famosos, hoje, é diferente. Com o surgimento de portais como o Astrolink e Personare, entender o significado do seu mapa astral ficou bem menos complicado. “Eu uso o Astrolink. Sei o básico e gosto das coisas mastigadas”, confessa a vestibulanda Luísa Pitta, 20, que é virginiana. Além disso, o conhecimento também se espalha em perfis especializados nas redes sociais, geralmen-

te com uma linguagem cômica e “memática”. Um exemplo disso é a Madama Brooona, astróloga que se expressa de maneira inconfundível. “Eu sempre vejo os stories de Brooona. Amo demais. Acho ela perfeita porque ela produz um conteúdo bom com uma estética única”, conta a capricorniana Eduarda Gomes, 20, estudante de Direito.

Para Monalisa, a popularização da astrologia nesses meios estimulou o interesse dos jovens para esse tipo de assunto. “Antes as pessoas viam com mais desconfiança a influência dos astros na nossa vida, porque é algo um pouco subjetivo e abstrato. Quando você ouve o seu amigo na mesa de bar dizer que tem que trabalhar a impulsividade porque tem Marte em Áries, fica mais fácil acreditar nos astros”, argumenta. Por outro lado, a astróloga ressalta que é preciso tomar cuidado com o que é visto na internet, já que por muitas vezes o conteúdo não é abordado de maneira adequada. “É preciso estar atento para não considerar o que se lê como uma sentença, algo que não pode ser mudado. Isso, psicologicamente, pode ser prejudicial”, explica.

### Ranço astral

O costume de prejulgar por causa do signo é bem comum, o famoso “ranço”. “Já dei dislike no Tinder por causa do signo da pessoa”, confessa a geminiana Ana Lara, 19. Para a estudante de Ciências Naturais Helouíse Alcântara, é complicado lidar com librianos. “Não vou mentir que evito me relacionar com librianos”, revela a sagitariana. Já o pisciano João Marcelo, 19, tem um “rancinho” com arianos. “Quem ‘guenta’?”, questiona.

Monalisa aconselha ponderarmos esses pré-julgamentos. “O signo solar é apenas um detalhe do mapa. Dividir as pessoas em doze tipos e, a partir disso, segregar, não faz sentido e é errado.”, explica. No fim das contas, identidade é uma de nossas prioridades nesse mundo que muda o tempo inteiro. Somos uma juventude bem mais ansiosa e estamos buscando cada vez mais o autoconhecimento. A astrologia é apenas um dos caminhos. ●

## Para quem não sabe nada

### ☀ Sol

É a nossa essência. Possui as qualidades do signo onde ele está, que serão expressadas em maior ou menor grau e de formas específicas, de acordo com o restante do teu mapa.

### ☾ Lua

Você sente segurança quando atende às necessidades de sua Lua. Suas emoções e questões afetivas dependem do signo lunar.

### ♈ Ascendente

Você se comporta de acordo com seu ascendente, que é a forma como se mostra ao mundo, pelo menos de início.



A astróloga paulistana BrOOna tem mais de 100 mil seguidores no Instagram



# Quando tamanho não é engajamento

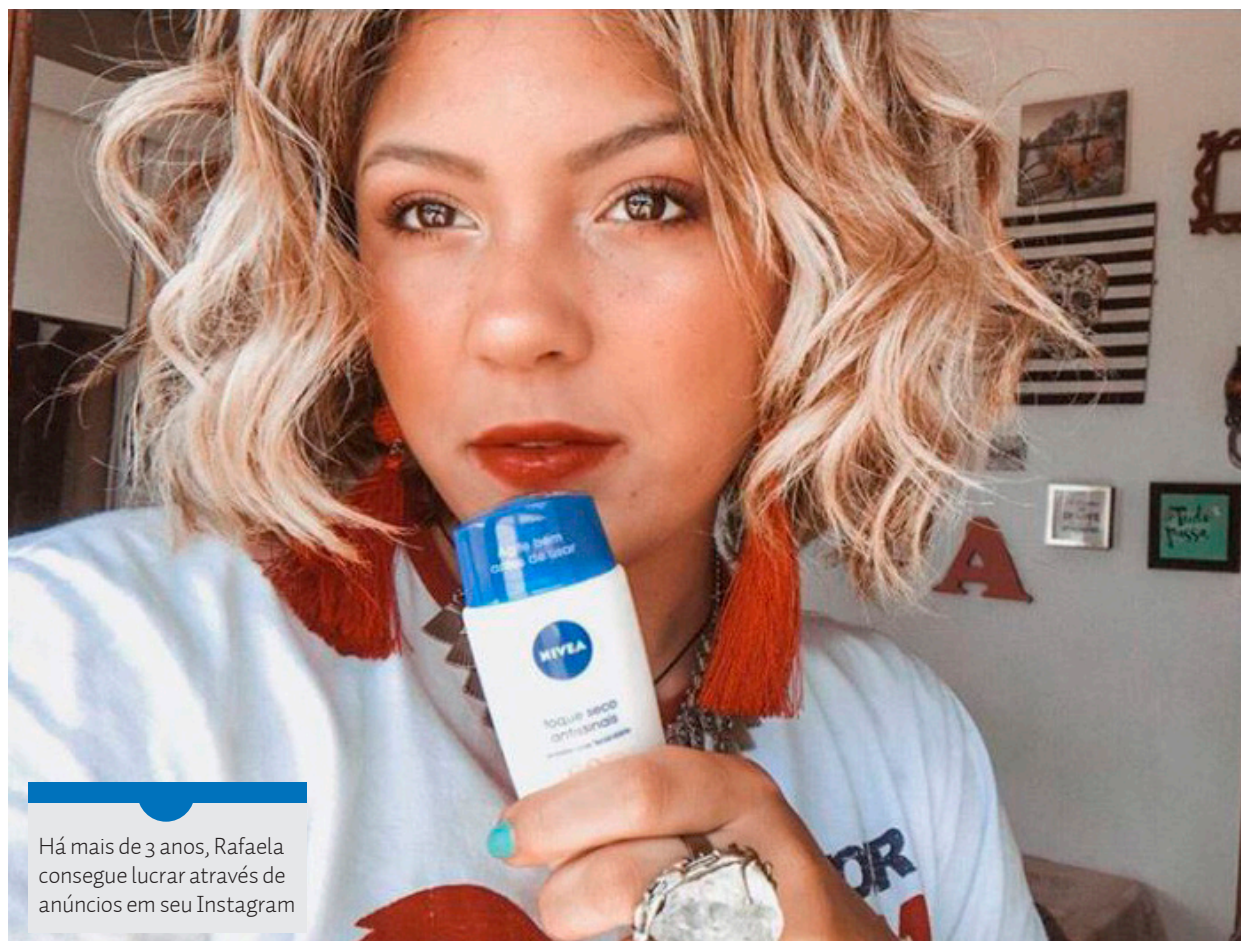
## Empresas apostam em micro influenciadores digitais para ganhar visibilidade

Maria Beatriz Pacheco

Quando a jornalista Rafaela Fleur, 22, chegou no Instagram, em 2015, tudo era mato. Quando ela criou seu perfil, a rede social ainda era desbravada pelos novos usuários, emigrantes do Facebook, mas já despertava o interesse das grandes marcas, que enxergavam a plataforma como uma poderosa ferramenta para aumentar seus lucros. Em poucos meses, Rafaela começou a receber presentes de empresas que, em troca, pediam a divulgação de seus produtos.

Com mais de 65 mil seguidores no Instagram, Rafaela faz parte de um grupo que está cada vez mais presente no mercado: os micro influenciadores digitais. Caracterizados por possuir entre cinco e 100 mil seguidores, os micro influenciadores são apontados como um dos principais fatores a serem levados em conta na hora dos consumidores escolherem um produto. Consideradas mais reais e “próximas” de seus seguidores do que grandes influenciadoras, as micro surgem como uma poderosa estratégia para empresas que querem se aproximar do seu público e fugir da propaganda tradicional gastando menos.

O uso de influenciadores digitais já é realidade em campanhas de marcas dos mais diferentes segmentos. Em fevereiro de 2019, a YouPix, aceleradora de criação de conteúdo online, realizou a pesquisa ROI & Marketing de Influência 2019 com empresas brasileiras de bens de Consumo, telecom e Mídia,



Há mais de 3 anos, Rafaela consegue lucrar através de anúncios em seu Instagram

automotivo, finanças, varejo, tecnologia e serviços. Das 94 empresas entrevistadas, 68% consideram o influenciador relevante para seu negócio e 56% almejam aumentar o investimento nessa estratégia. Além disso, 83% das marcas realizam ações pagas com influencers. Em 2017, esse número era de 64%.

Segundo a profissional de relações públicas e mestranda na área de cultura digital, Allana Gama, antes mesmo da popularização do termo “influenciador”, já existia um comércio por parte do marketing. “Essa estratégia existe desde a época dos blogs. Quando se notou que essas pessoas estavam gerando mais audiência que a propaganda tradicional, as empresas viram a possibilidade de atingir o público em outros canais. É uma necessidade das marcas se manter em todo ambiente em que o público está”, explicou.

### Quando a micro engaja mais

Todo mundo pode influenciar o outro através do que compartilha em suas redes sociais. Mas, o que diferencia os denominados influenciadores digitais dos usuários comuns é a credibilidade atribuída pelos seus seguidores, que passam a ter aquela personalidade como referência para suas escolhas. No caso dos micro influenciadores, a propaganda é ainda mais sutil. Eles desenvolvem uma relação mais próxima com seus seguidores, pois conseguem responder comentários e ‘directs’ mais rápido do que os mega.

As micro influenciadoras são referência em setores de nicho. Elas possuem propriedade no que falam e são mais baratas do que as mega influen-

cers. A estudante Amanda Beatriz, 17, acompanha as micro desde a época dos blogs. Mesmo consciente de que se tratavam de anúncios, as publicações das influencers crespas foram fundamentais para que Amanda assumisse seu cabelo cacheado. “Eu não sabia como cuidar do meu cabelo. Eu comecei a buscar apoio nas influencers que já haviam passado pela transição capilar. Mesmo sabendo que é uma propaganda, não me incomoda, pois foi graças a elas que me inspirei e aprendi a tratar meus fios”, relatou.

Apesar de possuírem um número menor de fãs, os micro influenciadores falam com um público específico, que é engajado e pode ser convertido em cliente. Para a publicitária Mariana Floupe, 22, o sucesso das micro influenciadores na publicidade pode ser explicado pela nova estratégia do marketing, que se preocupa muito mais em atrair o público por valores. Ao vestir determinada marca, os influencers passam a incorporar seus valores. Os micro passam a ideia de serem mais reais, acessíveis, e isso se relaciona com o novo modelo de propaganda: vender não só pelo que o produto é, mas pelo que representa.

Como a rede está em constante mudança, é impossível prever o futuro das micro influencers. Segundo Allana, enquanto o uso das micro influencers estiver dando resultado na publicidade, será utilizado. Talvez, daqui a alguns anos, o nome dado a essas personalidades seja outro. Mas, sempre existirão pessoas que são destaque em determinado assunto e interferem nas escolhas dos outros.





# Cerveja à baiana

Cervejarias e microcervejeiros aquecem o mercado local; água da região é o principal atrativo para grandes indústrias

Carla Galante e Thídila Salim

A cerveja na Bahia está muito além do lazer. Nos últimos 10 anos, se tornou uma grande aliada a economia do estado. Micro e pequenos produtores batalham para conquistar espaço oferecendo sabores e rótulos mais baianos, enquanto grandes marcas são atraídas pelas riquezas da água no interior baiano.

**A**romáticas, cítricas, frutadas, com notas de café, azedas, as cervejas artesanais oferecem sabores para todos os gostos. Ainda recente, o mercado artesanal busca se consolidar e atrair novos públicos. Desde o aparecimento da primeira fábrica em Salvador, em 2014, a barreira principal dos cervejeiros é ganhar visibilidade na cena local. A meta para os próximos anos é conquistar consumidores de cervejas das marcas mais populares, um grande desafio para as cervejarias, já que é um produto restrito a um público mais interessado na bebida.

Diante dessas limitações, os produtores buscam estratégias para se aproximar do consumidor soteropolitano. Procuram adaptar o gosto das



cervejas artesanais ao paladar do freguês, uma forma de se afastar do rótulo de que são cervejas fortes, rebuscadas, caras e difíceis de serem encontradas.

Um dos fatores que diferencia a cerveja artesanal ou especial da comercial é a experiência proporcionada ao consumidor. “Uma cerveja comum não trabalha a parte sensorial, não entrega um sabor diferenciado, gostoso”, defende Rodrigo Feyh, dono da Feyh Bier, cervejaria baiana fundada em 2017.

Os preços costumam ser ‘salgados’, mas Feyh acredita ser uma questão de tempo. Como qualquer outro produto, à medida que os pontos de venda aderirem à cerveja artesanal, a competição cresce e os valores tendem a cair. Afinal, “a função da cerveja artesanal não é ser um item exclusivo”, complementa Diogo Pereira da Cervejaria Berenice, uma das pioneiras em fabricação de cerveja na Bahia.

Salvador, hoje, conta com sete fábricas de cerveja artesanal, com produção de, em média, 3.000 litros ao mês. Dentre elas, Proa, surgida em 2017, é a de porte mais robusto, chega a produzir 12.000 litros ao mês.

Mário Baqueiro, mestre cervejeiro da cigana Água de Meninos, e Adriano Mendonça, sócio da Sotera, em funcionamento desde 2015, creem que a

entrada de cervejas craft beers nos supermercados favoreceu que o mercado se abrisse para o consumo das cervejas artesanais. Com elas, o consumidor de massa ficou mais exigente e busca por cervejas de maior qualidade. Isso preocupa as gigantes do setor que tem perdido uma significativa fatia do mercado, diante da popularização dos rótulos artesanais.

#### A artesanal pop

Dentre os estilos de cerveja fabricados, as cervejarias têm preferido investir nos mais populares, como as Pilsens e Lagers. Fabricam “cervejas mais leves, mais refrescantes e aromáticas, com um amargor menos agressivo”, segundo Pereira. A Cervejaria Sotera é um exemplo disso, prioriza a produção de cervejas diferenciadas sem perder a simplicidade, atraindo mais consumidores.

Afinal, a percepção do público ainda não tem sido das melhores. “As cervejas artesanais tem um sabor muito amargo, complexo, são mais pesadas, difíceis de beber. Eu prefiro uma lager” declara a bacharel em Direito e amante de cerveja, Gisele Almeida, 24.

Outra estratégia é introduzir novos estilos além dos populares. Atualmente, os estilos da moda são as Catarina Sour, cervejas frutadas, azedas e re-

frescantes, e a Brut, um tipo de cerveja que lembra o gosto do champagne. Há também os cervejeiros que optam por utilizar ingredientes especiais em suas receitas para trazer mais personalidade e sabor à cerveja. Rapadura, coentro, mel, aveia e tapioca são incorporados por aqueles que buscam se diferenciar.

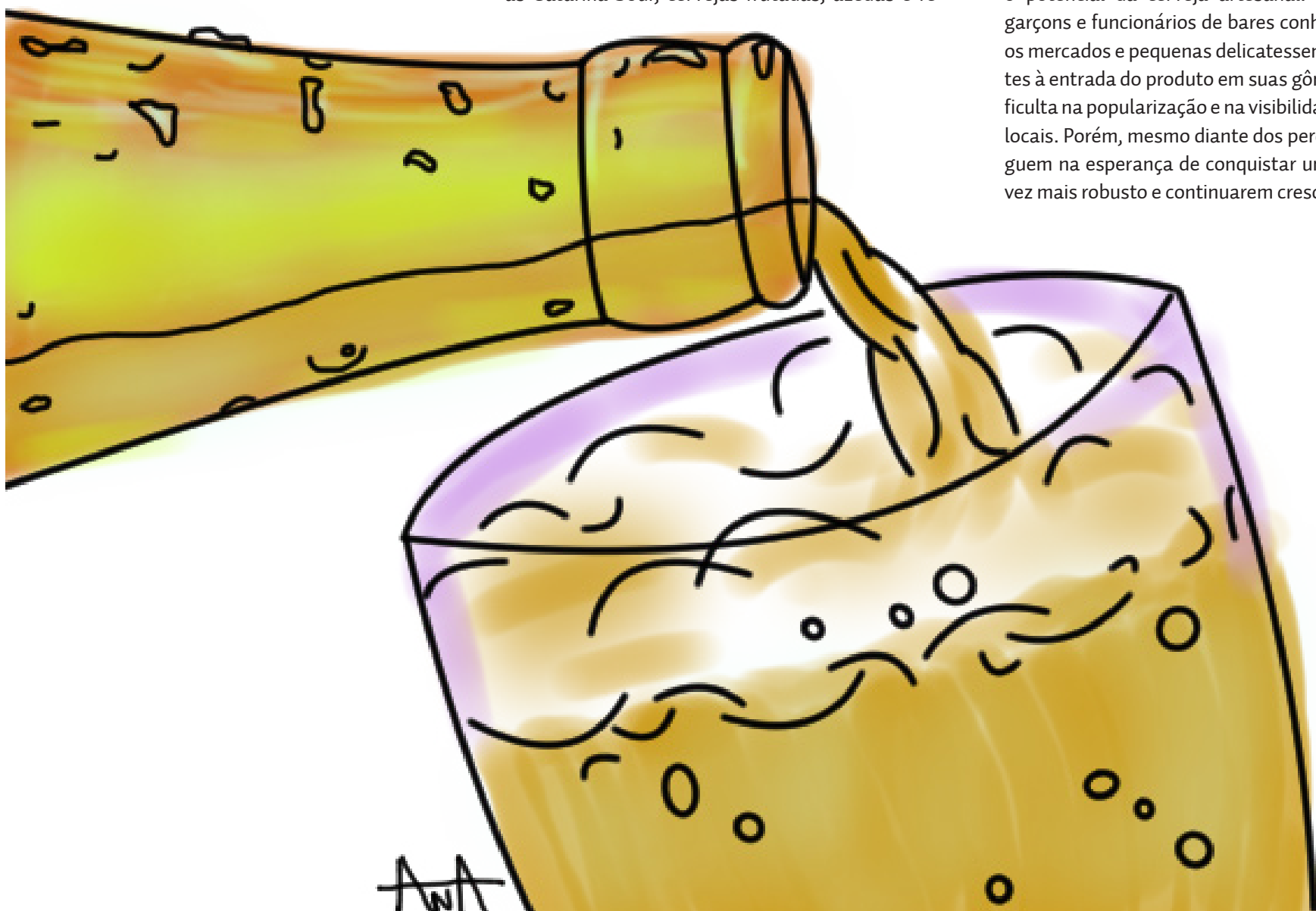
Esse é o caso de Mário Baqueiro, que também reforça a dificuldade de fabricar cervejas para um público iniciante: “Minha leitura do mercado soteropolitano é que o consumidor sai com a grana contada e não quer arriscar, ele quer pedir aquilo que já sabe que vai gostar”.

Em Salvador, há marcas que produzem cervejas a valores acessíveis.

Esse é o caso da Cervejaria Sotera que vende uma garrafa de chopp, no ponto de venda, por R\$10,00. Um valor bastante competitivo e abaixo dos preços praticados por outras marcas, que variam entre R\$14,00 a R\$30,00. A estratégia é que, ao chegar em pontos de vendas não especializadas em cerveja artesanal, esses valores se mostrem vantajosos para os clientes de marcas comerciais.

Mas, não basta ser acessível se a cena local não cooperar. Para Feyh, o mercado ainda não descobriu o potencial da cerveja artesanal. Consumidores, garçons e funcionários de bares conhecem pouco, e os mercados e pequenas delicatessens são resistentes à entrada do produto em suas gôndolas. Isso dificulta na popularização e na visibilidade das marcas locais. Porém, mesmo diante dos percalços, elas seguem na esperança de conquistar um público cada vez mais robusto e continuarem crescendo.

“Nosso maior desafio é fazer com que o consumidor saia de um rótulo mais barato e vá para o nosso.”  
Gustavo Martins, empresário



Ilustrações: Ana Paula Lacerda



# Água do interior baiano atrai indústria cervejeira

Enquanto cervejarias artesanais tentam ganhar força no mercado local, grandes marcas comerciais representam um dos mais importantes setores da economia baiana, com um complexo de seis fábricas de cerveja. De acordo com a Secretaria de Desenvolvimento Econômico do Estado da Bahia (SDE-BA), o conjunto totaliza R\$ 1,7 bilhões com geração de 6.458 empregos diretos, contando com implantações e ampliações de plantas fabris e centros de distribuição.

A atração por territórios baianos se deu nos últimos dez anos com a chegada de grandes cervejarias, como a Heineken, Itaipava, Proibida e Ambev. Uma das razões para expansão do mercado está no potencial aquífero de municípios baianos, formações geológicas capazes de armazenar água subterrânea. Esta condição favorece a extração de água, um dos componentes básicos para produção da cerveja, além do lúpulo e do malte.

Detentora de uma das águas brasileiras de melhor qualidade, Alagoinhas, que fica a cerca de 120 km de Salvador, é um dos motivos para aproximação de fábricas cervejeiras. Há três produtoras de bebida instaladas na região, duas de cerveja (Itaipava e Heineken) e uma de refrigerante. Para a doutora em Química Analítica, Adriana Ferreira, o interesse da indústria cervejeira pelo município se dá pela junção de três fatores: qualidade, quantidade e localização.

“A água de Alagoinhas é boa em termos físico-químicos e microbiológicos para o uso potável, o mais nobre. Os parâmetros da água mais importantes para esse tipo de produção [de cerveja], alcalinidade e dureza, são muito baixos na região de Alagoinhas. Apesar da baixa alcalinidade, a água não é excessivamente ácida - tem pH médio de 6”, explica.

Segundo Adriana, o potencial hidrogeológico da cidade é um dos melhores da Bahia, destacando-se principalmente pelo sistema aquífero constituído pelas formações Marizal/São Sebastião. A água ainda possui um baixo nível de impurezas. Tais condições facilitam a extração e reduzem custos das empresas nas etapas de tratamento.

“A pureza dos poços da cidade tem relação tanto com o terreno sedimentar [arenoso] sobre o qual o município está instalado, quanto pela profundidade média na qual o aquífero está localizado, entre 100 e 150 metros. A combinação permite que o terreno filtre quase todas as impurezas, deixando a água cristalina e leve”, destaca Adriana.



Mais uma vantagem às indústrias é a posição geográfica da cidade, que fica no chamado Nordeste Baiano. Estão em Alagoinhas duas linhas ferroviárias ligando a Bahia a outros estados e o cruzamento de duas importantes rodovias federais, a BR-101, atravessando o país no sentido Norte-Sul, e a BR-110, ligando a região metropolitana de Salvador ao litoral do Rio Grande do Norte, percorrendo o interior nordestino.

## Água e cerveja: um relacionamento sério

Presente em todos os processos produtivos da cerveja, a água é o seu principal ingrediente. É utilizada nas etapas de fabricação, fermentação, filtração e até fervida na esterilização de linhas. Seus minerais e grau de acidez podem, inclusive, interferir em aspectos sensoriais da bebida. Uma água com alta concentração de cálcio em contato com o malte, por exemplo, pode provocar uma coloração inesperada, segundo o sommelier de cervejas, Eduardo Manoel Costa, 28.

Porém, hoje, a qualidade da água de uma região não é mais um fator determinante para o resultado final da cerveja. Supervisor de Craft Beer da Ambev, as cervejas especiais, Costa explica que

já existem técnicas de manipulação da água para torná-la ideal aos vários estilos e preferências.

“A água em algum momento histórico foi muito importante para definir a qualidade e as propriedades que iriam sobressair numa cerveja. Hoje ela é preparada pelo mestre cervejeiro, sendo conhecida como água cervejeira. Todos os minerais e o pH são controlados, não importa muito de onde vem a água”, ressalta Costa.

## O preço da água

A cobrança ou não de fábricas pelo consumo da água é uma discussão antiga na Câmara dos Vereadores de Alagoinhas. Apesar da abundância do recurso natural, moradores da cidade se queixam com frequência de interrupções no abastecimento. Assim surgiram rumores responsabilizando a indústria de bebidas pela falta de água na cidade e o dilema da tributação.

O ex-vereador Radiovaldo Costa, alega não haver regulamentação quanto ao volume de água retirado e nem cobrança às empresas pelo consumo. Ele reivindica investimentos em estudos que indiquem os níveis de reposição dos poços da cidade, embora assegure que o funcionamento das fábricas não interfere em seu abastecimento.

“O reservatório garante o funcionamento dessas empresas de bebida e o abastecimento da cidade. Falta por parte da prefeitura um estudo do nosso subsolo para dimensionar o impacto da retirada de água”, defende.

De acordo com a ANA (Agência Nacional de Águas), a cobrança pelo uso da água, prevista pela Política Nacional de Recursos Hídricos, lei nº 9.433/97, é submetida a todos os usuários que capturem, lancem efluentes ou realizem usos não consuntivos, aqueles que não fazem uso direto da água. A utilização na indústria e o abastecimento público se enquadram no uso consuntivo, aqueles que retiram água do manancial para sua destinação.

Interpelado sobre a cobrança e acompanhamento da retirada de água, o secretário de desenvolvimento de Alagoinhas, José Edésio, não aceitou responder aos questionamentos da reportagem por telefone. A assessoria do Saae (Serviço Autônomo de Água e Esgoto), autarquia responsável pelo abastecimento de água e esgotamento sanitário no município, informou que não tem atribuição para liberar outorgas de água e nem fiscalizar, não podendo tecer explicações sobre o assunto.

MARCA	INVESTIMENTO (R\$)	EMPREGOS	CIDADE
CERVEJA PROIBIDA	115.881.006	123	DIAS D'ÁVILA
ITAIPAVA	1.166.737.139	3.843	ALAGOINHAS
AMBEV S/A	295.436.379	565	CAMAÇARI
HEINEKEN	138.279.154	1.618	ALAGOINHAS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO	3.000.000	97	EUNÁPOLIS
CENTRO DE DISTRIBUIÇÃO	7.300.000	212	JUAZEIRO
	<b>1.726.633.678</b>	<b>6.458</b>	





# O jogo virou

## Presença feminina em estúdios ainda é minoria mas se destaca no cenário da produção de jogos baianos

Álene Edriele

**O**s jogos digitais vêm ganhando cada vez mais espaço na Indústria nacional. O estado da Bahia é o terceiro maior produtor de games do Nordeste, de acordo com o II Censo da Indústria Brasileira de Jogos Digitais, feito entre abril e agosto de 2018. O crescimento, no entanto, não tem aberto os caminhos para a equiparação, e mulheres ainda representam uma minoria de 20,7%

em estúdios de games no cenário nacional. Quando feito recorte por área de atuação nas empresas, a situação se revela pior: as programadoras e gestoras de projetos somam apenas 10,8%.

A Universidade Estadual da Bahia é referência na produção de jogos voltados para a educação desde 2002, através do projeto Comunidades Virtuais, coordenado pela pedagoga e doutora em jogos digitais Lynn Alves, atualmente professora do Instituto de Humanidades Arte e Ciência da UFBA. Lynn Alves relata um dos aspectos que corroboram

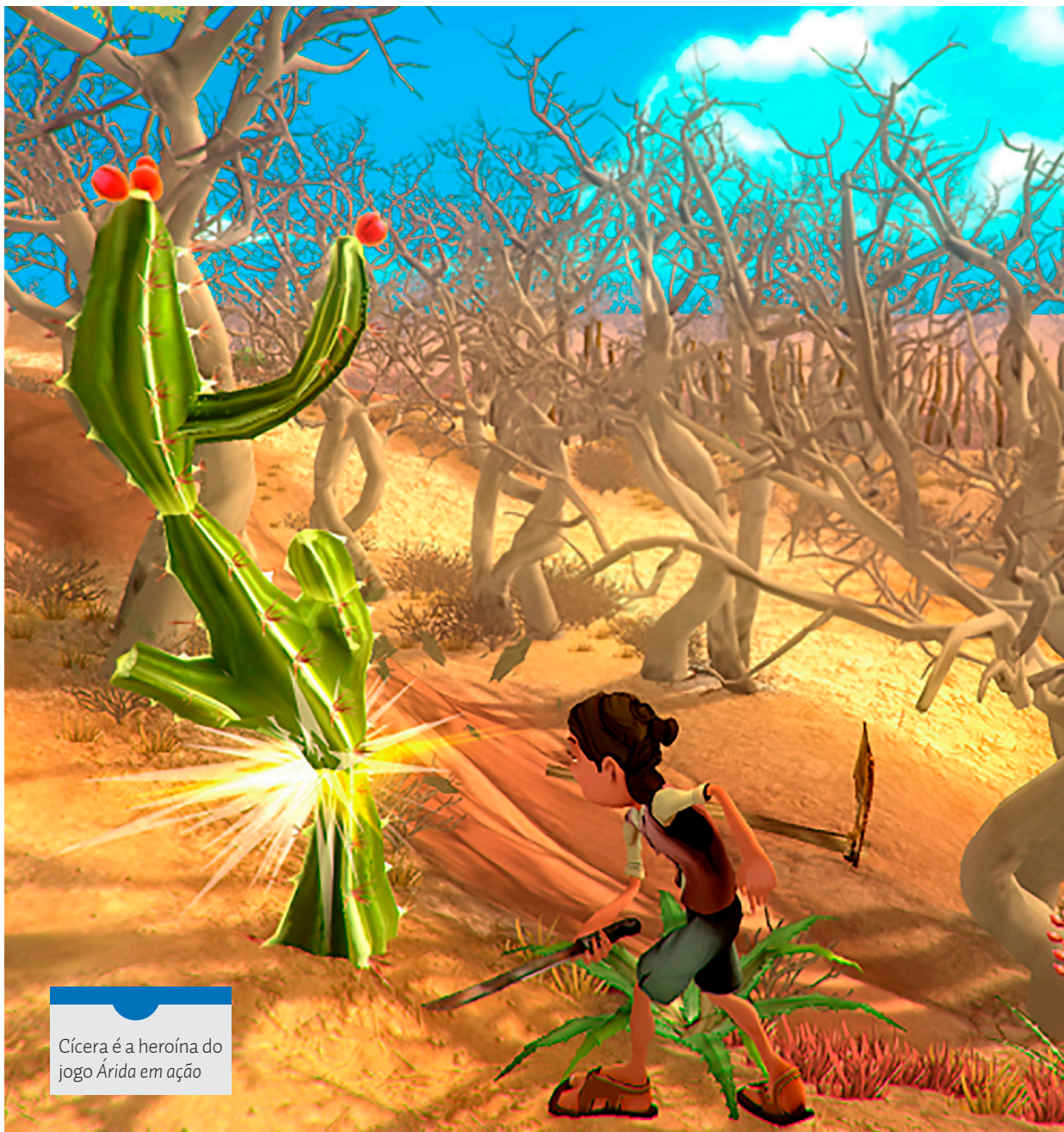
com a desigualdade por gênero na indústria de games e que acaba sendo refletido no estado; os cursos de jogos digitais na Bahia ainda têm um número pequeno de mulheres.

A professora também destaca a necessidade de campanhas mais incisivas para que as mesmas possam se identificar enquanto pessoas que podem produzir jogos em um ambiente majoritariamente masculino e culturalmente taxado como tal. Para Ana Antar, gerente de projetos e roteirista de jogos da ERA Game Studio, a partir do momento que não se enxerga outras mulheres, é muito mais difícil a inserção nesse meio.

### **A princesa não espera pelo resgate**

Durante os anos 80 e 90, o modelo de narrativa utilizado nos jogos não era amplamente questionado. O papel feminino era retratado de maneira subjugada. O primeiro aspecto é referente às personagens mulheres que quase nunca tinham papéis de destaque, e quando apareciam eram retratadas de maneira frágil, como no jogo Mário Bros, no qual o personagem principal, Mário, precisava ultrapassar obstáculos para resgatar uma princesa





Cícera é a heroína do jogo *Árida* em ação

à sua espera. Outro formato se expressava a partir da sexualização das personagens, com corpos que fogem da realidade. Hoje, as mulheres deram espaço para novas narrativas e não estão mais em busca de um protagonista para resgatá-las, mas da construção do seu próprio caminho.

De acordo com Ana Antar, a Indústria de jogos é oriunda de um contexto de produção para um público com sexo e cor específicos, o que não significa que todos esses paradigmas foram completamente superados. É possível ver, ainda em 2019, jogos que objetificam o corpo feminino e não possuem representatividade de um modo geral. Os dados da IBDJ do ano passado apontam este fator.

Devido a produção de games ser um processo que envolve criatividade, quanto mais diversa for uma equipe, melhor vai ser o resultado. É o que dizem os produtores baianos. Ana Antar alerta que as mulheres negras fazem parte de um ponto impor-

tante que não deve ser esquecido, pois, diferentes realidades constroem jogos que abarcam cada vez mais cores e vivências a partir de um formato mais humanizado.

De acordo com a gerente de projetos, o processo de diversificação das equipes é importante por-

“ Um jogo é muito mais do que uma mídia, é uma possibilidade de construir um universo inteiro. Isso pode mudar e impactar a vida de muitas pessoas. ”

Ana Antar, roteirista

que cada pessoa tem um tipo específico de visão de mundo dentro das suas experiências particulares, e isso não se aplica a todas as pessoas que irão jogar o que foi construído muito menos é por si só suficiente para analisar se um jogo é ou não adequado. Trazendo para parâmetros nacionais, desenvolver jogos que não representem o público feminino é algo que não se encaixa com a realidade das jogadoras que hoje são maioria.

#### No controle da história

A Bahia se destaca pelas suas narrativas com forte apelo cultural e educacional. Para Lynn Alves, o Comunidades Virtuais presta um grande serviço, não só para a comunidade

## Produção baiana de games batalha por profissionalização

Comparar a recente ascensão da Indústria dos games na Bahia com o restante do mundo chega a ser injusto, devido ao seu ecossistema ainda ser pouco estruturado. Existem diversos fatores por trás dessa realidade, um deles está relacionado ao baixo capital investido nas empresas locais.

O estado baiano é reconhecido por uma série de outros atrativos, e ter uma capital referenciada a partir da tecnologia é o que busca Ítala Herta, membro e co-fundadora da aceleradora de empresas Vale do Dendê. O papel da aceleradora, que surgiu em 2016, é provocar o ecossistema e colocar Salvador na roda dos investimentos, uma das principais lacunas quando o assunto é o impulsionamento do mercado de jogos digitais.

Entretanto, apenas uma iniciativa não resolve o cenário dos laboratórios de games no estado, outros investimentos e ações precisam atuar em conjunto. Assim, a Ancine se interessou por esse tipo de Indústria, e em 2017 passou a investir nessa área. A previsão é que para esse ano 42 milhões de reais sejam distribuídos entre empresas brasileiras.

Segundo Cristiane Ribeiro, co-fundadora da Sinergia Games, a principal diferença entre investimentos que partem dos bancos, aceleradoras ou mesmo a Ancine para os editais de fomento a cultura é a possibilidade de receita corrente. Através de um investimento privado, ou que visa retorno, caso da Ancine, a empresa é livre para fazer o seu projeto, desde que siga os parâmetros previstos, com a possibilidade de monetização. As vantagens dessa renda gerada garantem atualizações mais constantes dos jogos e novas versões. Um edital público de fomento prevê que um jogo seja distribuído gratuitamente.

acadêmica. O grupo já desenvolveu 12 jogos através de iniciativas de fomento, e em uma delas, Laiza Camurugy, programadora, pôde atuar no desenvolvimento do jogo *Árida*, que será lançado ainda este ano. A narrativa conta a trajetória de Cícera, a heroína negra e nordestina que precisa enfrentar a seca na Guerra de Canudos vivida no século XIX.

Ana Antar comenta que essa escolha faz com que muito do que é produzido aqui seja um olhar sobre a nossa própria história, e ressalta como outros países que possuem um ecossistema de empresas de games bem posicionado, caso dos Estados Unidos, não têm esse apelo cultural forte.

As produtoras mencionam que a proposta é o determinante na qualidade final de um projeto, mas que é possível obter jogos com gráficos bem feitos a partir de um baixo orçamento, ainda que demande mais tempo que o usual. Fazer produções que exigem uma equipe numerosa, como *Assassin's Creed*, talvez seja um desafio. Porém, o maior foco de produção que sai do estado é mobile, o que exige menos e não necessita de tantos colaboradores para produzir, como explica Laiza Camurugy.



# MASCULINO, Autor (2019)

## No curso de Comunicação, 71% das referências bibliográficas são masculinas

Júlia Lobo

**M**esmo a área de Comunicação sendo uma das que retratam maior igualdade de gênero entre os pesquisadores, ocorre um desequilíbrio no que se refere a valorização dos conteúdos que são produzidos por homens em relação às mulheres. Na Facom (Faculdade de Comunicação da UFBA), 71% das leituras propostas pelas disciplinas obrigatórias, referentes ao curso de Comunicação, são de autoria masculina.

O resultado principal foi obtido através do levantamento feito pelo Jornal da Facom, que analisou os 15 programas das disciplinas obrigatórias do curso de Comunicação disponíveis no site da instituição - Trabalho de Conclusão de Curso em Comunicação (COM118) ficou de fora por seu planejamento não estar disponível. Também foram analisados os programas das obrigatórias de cada habilitação (Jornalismo e Produção em Comunicação e Cultura), totalizando 29 documentos.

### Papéis distintos

De acordo com a diretora da faculdade, Suzana Barbosa, o resultado retrata um contexto histórico onde as bases do conhecimento foram produzidas por homens e são necessárias para fundamentar o estudo das disciplinas. “É um reflexo do nosso contexto, de fato. De como a mulher ficou muito mais relegada no sentido da incorporação dela nas ciências. Qual era o papel que cabia às mulheres? Minha mãe, por exemplo, foi dona de casa, mas sempre disse que se pudesse ter tido escolha, seria professora”, diz Suzana.

Apesar disso, Suzana acredita que a presença feminina na discussão de distintas áreas, como na Comunicação, tem expandido. É o que mostra um estudo divulgado em 2017 pela editora Elsevier em parceria com a Unesco, que apresentou um equilíbrio de gênero entre os pesquisadores das Ciências Sociais, onde a área de Comunicação se enquadra, no período de 2011-2015. Além disso, nos últimos seis anos, todas as teses premiadas pelo Compós (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação) foram escritas por mulheres.

### Pesquisa

Os dados levantados pelo Jornal da Facom se referem a observação das bibliografias, tanto básicas quanto complementares, presentes nos programas. Para a identificação que foi feita de cada autor, foram usadas as classificações: masculino ou feminino, para autoria exclusiva de apenas um gênero, masculino e feminino, determinando autoria compartilhada e outros, que correspondem aos materiais sem referencial produzidos por organizações, como revistas e manuais.

### Bibliografia

A elaboração dos programas das disciplinas é feita pelo próprio docente, que têm independência para a escolha de quais autoras ou autores incluir, mas a universidade mantém um setor responsável pela idealização e planejamento das ementas, que é o Núcleo Docente Estruturante. Criado pelo Colegiado de cada unidade, ele é formado por um grupo de professores que estruturam o curso dentro da matriz curricular. “Nós (professores) propomos ementas para cada uma dessas matrizes, que necessitam da aprovação do colegiado e do departamento. Uma vez aprovadas e atribuídas aos professores no departamento, elas vão receber conteúdos específicos, principalmente de referências bibliográficas, pois é o professor que cria a melhor forma de transmitir aquela ementa planejada pelo núcleo”, explica o coordenador do colegiado da Facom, Tarcísio Cardoso.

Em relação ao levantamento feito pelo Jornal da Facom, ele revela que gostaria de obter um equilíbrio na presença de homens e mulheres nas referências, porém, não consegue ver soluções que preservem a autonomia do professor. “Eu fico tentando imaginar como seria possível fazer um bom critério, porque acredito que na medida em que o professor selecionou mais homens ou mais mulheres, ele tem que ser respeitado. Todos os nossos professores são doutores e pesquisadores na área, eles que têm que decidir”, defende Tarcísio.

### Estruturas

Na análise comparativa entre todas as disciplinas obrigatórias da Facom, a maior disparidade foi identificada em Oficina de Radiojornalismo (COM124). Com 100% de referências masculinas, o programa da disciplina contém apenas cinco autores na bibliogra-

fia básica. Por outro lado, na investigação somente para Comunicação, e com maior quantidade de conteúdos na bibliografia, a disciplina Ética da Comunicação (COM115) confirma essa desproporção.

A história do desenvolvimento da filosofia justifica os 94,7% de referências bibliográficas masculinas. “A disciplina carrega boa parte dos problemas que a própria filosofia tem, que é a estrutura desigual e machista na qual o pensamento clássico foi produzido. Precisamos ensinar sobre essa base”, justifica Caio Cardoso, professor substituto responsável pelo programa da COM115 vigente no semestre 2018.2, último disponível no site da Faculdade.

Porém, o docente acredita que a forte representação masculina precisa constar como uma observação acadêmica. “É bom perceber como isso não está descolado da estrutura da universidade. De como ela ainda é consistente na valorização dos pensadores homens, brancos. O próprio fato de eu estar falando aqui, e não ser uma professora, já é um indicativo disso”, afirma.

Caio conta que tentou trazer ao longo da disciplinas algumas autoras consolidadas nas questões de ética, como Hannah Arendt e Suzan Sontag. Além disso, revela a importância de oferecer pensamentos contemporâneos através do olhar feminino. “A gente também busca autoras recentes, como Chimamanda e, inclusive, brasileiras, como a Djamilia RIBEIRO e a Fernanda Bruno. Elas aparecem quando buscamos problematizar outro aspecto que a disciplina também precisa: trazer os questionamentos mais para perto temporalmente e espacialmente”, conta. A inclusão de autoras como Chimamanda e Djamilia também convergem nos debates sobre a predominância de referências brancas e europeias na bibliografia.

### Ocupando espaço

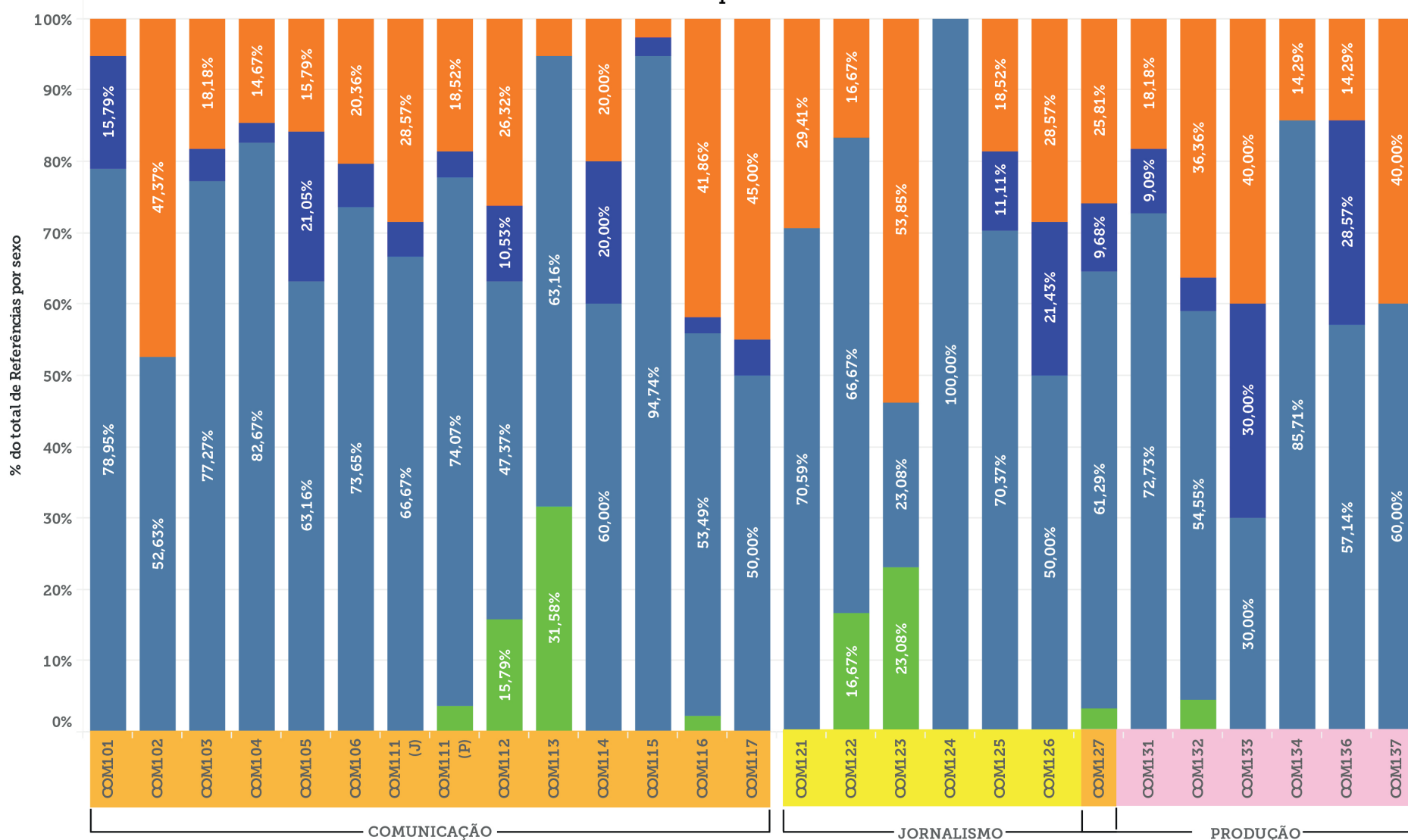
Enquanto as disciplinas que exploram a fundamentação teórica apresentam poucas referências femininas devido ao seu contexto de formação, as práticas podem usufruir de uma abordagem mais igualitária, como é caso da Oficina de Jornalismo Impresso (COM123). Com 53,8% de autoras, é a única com maior representatividade feminina. Os outros 46,1% são divididos entre autoria masculina e materiais didáticos, como manuais de prática jornalística.

Segundo a professora Graciela Natansohn, responsável pelo programa de COM123, o docente deve assumir um papel consciente, que aborde as diversas produções de conhecimento. “Quando penso na minha tarefa, quero discutir, seja qual for o tema, principalmente a transversalidade que o gênero e a raça têm na construção do conhecimento. Por isso, não apenas cito bibliografia de mulheres, mulheres negras e outras fontes diversas, como também discuto em sala de aula”, declara.

Sobre o resultado do levantamento, Graciela não acredita que sejam escolhas propositais, mas que refletem uma docência que ainda está presa



## Disciplinas



% do total de Referências por sexo para cada Disciplina. A cor mostra detalhes sobre Sexo. O tamanho mostra detalhes sobre Referências por sexo. Os dados estão filtrados em Curso, que mantém COMUNICAÇÃO, JORNALISMO e PRODUÇÃO. Os percentuais se baseiam em cada linha da tabela.

Sexo  
■ FEMININO  
■ MASC.E FEMIN.  
■ MASCULINO  
■ INSTITUCIONAIS

no modelo androcêntrico e branco-hegemônico da produção científica. Como exemplo dessa exclusão de saberes, citou o epistemicídio, fenômeno que caracteriza a desvalorização dos saberes ancestrais da população negra e da supressão das contribuições advindas do Continente Africano como forma de embranquecimento cultural.

“O epistemicídio é uma eficiente estratégia que socava a autoestima e confiança na capacidade de produzir saberes socialmente válidos, úteis e pertinentes”, explica. “O mapeamento [do Jornal da Facom] é relevante porque explícita de maneira transparente e incontestável que há problemas no ensino de Comunicação na faculdade. Não há mulheres produzindo ciência neste país?”, questiona.

Para Clarice Pinheiro, doutora pelo Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA), a resposta é sim, existem mulheres pesquisadoras no Brasil. Entretanto, ainda ocorre predominância masculina nos cursos de pós-graduação. “Existem pesquisas mostrando que somos maioria nas graduações, mas quando se analisa o mestrado e o doutorado, o número vai diminuindo”, aponta.

### Questão de visibilidade

“Se a gente for pensar quem tem mais espaço nas publicações, quem tem melhores condições de

produção, são homens, por uma questão histórica de gênero”, afirma. Além disso, a maneira de referenciar os pesquisadores utilizando os sobrenomes agrava a situação de visibilidade. “Por exemplo, um dos maiores referenciais da área da pedagogia, Magda Soares, é conhecida o tempo inteiro como Soares. Soares, para a sociedade, sempre será um homem. Só depois de muito tempo que se descobre que é uma mulher, isso acontece em todos os cursos”, exemplifica Clarice. A pesquisadora sugere reflexão sobre a necessidade de mudanças neste tipo de padronização das citações, no formato ABNT.

A manutenção dessa realidade, que se manifesta desde o século 18, quando as mulheres da literatura usavam pseudônimos para garantir a valorização dos seus livros, tem como principal consequência a frustração das estudantes que desejam seguir carreira acadêmica. “Quando você vai abrir as bibliografias das disciplinas e começa a ver que não tem mulheres, só há homens ali, isso vai impactar diretamente em você”, reiterou.

A pesquisadora reforça a importância que o docente tem na atualização do seu programa de ensino, em busca por diferentes formas de abordagem dos assuntos. “É essencial o referencial básico, sim. Mas e as novidades da área? Porque só ouvir determinada pessoa falando disso? É interessante colocar em questão se o escolhido foi só, realmente, porque

é melhor na área ou se só continuamos reproduzindo dentro da academia um imaginário que a produção é sempre de um homem”, defendeu.

Para as disciplinas obrigatórias de Comunicação, o percentual de autor masculino é de 71%; 21% para autoras; 5,6% para autoria compartilhada; 2,5% para outros

Nas disciplinas obrigatórias de Jornalismo, o percentual para autor masculino é de 61,6%; 25,6% para autoras; 7,2% para autoria compartilhada; 5,6% para outros

Nas disciplinas obrigatórias de Produção, o percentual para autor masculino é de 59,8%; 26,1% para autoras; 13% para autoria compartilhada; 1,1% para outros

No total, representando todas as obrigatórias da Facom, o percentual para autor masculino é de 68%; 22,4% para autoras; 6,8% para autoria compartilhada; 2,8% para outros





# Conheça o baiano que já fabricou joia para rainha e papa

Com 83 anos e uma vida dedicada à arte de manusear metais e pedras preciosas, Gerson Viana guarda histórias de Salvador em suas joias

## Thídila Salim

O negócio de mexer com prata, ouro e pedras preciosas é coisa antiga, de gerações da família de Gerson Massa Viana, 83. História para mais de um século que começou em Rio de Contas, no Centro-Sul baiano, quando os avós paternos, Cândido e Elvira Viana, saíram do interior a pé com 14 meninos debaixo dos braços e dois animais rumo à capital baiana, fugindo das arruaças do bando de Lampião.

Chegando em Salvador, no início do século XX, o avô Cândido iniciou os negócios da família na cidade e, passando de pai para filho, muitas décadas depois, chegou em Gerson que se destacou no papel de ourives. Hoje já não exerce a profissão, cedeu o palco para dois de seus 13 filhos, Gerson Filho e Mariana Viana, que administram negócios próprios no ramo de joias. Mas ele não para, continua a estudar por conta própria as novidades do mercado, a acompanhar as transformações do mundo. Aliás, assim fez por toda vida, não teve tempo de se dedicar a estudos formais.

As peças de Gerson guardam memórias de Salvador, algumas podem ser apreciadas no Instituto ACM - Ação, Cidadania e Memória, no Pelourinho.

Feitas pelas próprias mãos, suas joias presentearam visitantes importantes da cidade, como a Rainha Elizabeth II, em 1968, e o Papa João Paulo II, na década de 1980. Nos tempos que Antônio Carlos Magalhães foi governador, não faltou trabalho para o artesão. “ACM sempre mandava fazer broches”, recorda Mariana, que a época acompanhava o pai no trabalho. Foi fabricando peças para eventos políticos que Gerson ganhou a fama de prateiro, mas seus conhecimentos vão muito além da prata.

Em meados dos anos 70, o turismo deslanchou na capital baiana, época gorda para o comércio. Visionário, Gerson tinha planos de construir um bondinho ligando a Cidade Baixa ao Carmo, para facilitar o acesso dos visitantes a uma de suas lojas que ficava em frente ao atual hotel Pestana Convento do Carmo. Mas as ideias não saíram do papel. “Os navios chegavam e colocavam 18, 20 ônibus ali no Carmo. Então, pensei: melhor se esse navio chegar e o pessoal já subir pelos fundos”, conta aos risos.

Até o início dos anos 2000, Gerson chegou a abrir 18 lojas de joias nos principais pontos turísticos e dois grandes shoppings da cidade. A demanda foi tanta que o artesão teve de expandir o negócio para outras capitais: Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Além das lojas, teve uma fábrica, erguida

em Simões Filho, no ano de 1982. Construiu uma empresa de familiares e amigos. Muitos, agora, trabalham com seus filhos.

Ao perguntar se haviam outros ourives na época, a resposta é quase um unísono. Sem modéstia, familiares e conhecidos, dizem que até poderiam haver outros, mas nenhum tão talentoso quanto ele. “Tinham peças que, hoje em dia, não se vê em lugar nenhum. Os samovares de prata e as bombonieres em prata de lei banhadas com ouro por dentro pareciam coisa de filme”, conta a ex-funcionária de Gerson, Andriara Cardoso, 62.

Mas Gerson não é de se exibir, faz mais a linha reservada. “Tem que chegar com jeitinho”, orientou Mariana para a entrevista. O encontro foi no sofá de casa e, como de costume, rodeado pela família ansiosa para ouvir suas histórias. Desconcertado, com o tempo foi soltando as palavras.

Não só a timidez embarça Gerson. A crise dos últimos cinco anos o pegou de jeito. As vacas magras vieram, o turismo caiu, clientes apertaram os bolsos e, pouco a pouco, as lojas se puseram a fechar. Falar sobre o declínio não é fácil. Enquanto relembra o passado, o aposentado ri, mas também se entristece. “É um negócio que bole muito com a gente”, expressou.



# Mente Sã

"Quando fico estressada e preciso colocar minha mente no lugar costumo deitar numa rede, me balançar e ouvir música por horas."

**Rafaela Magalhães**  
(Produção Cultural)

"Eu gosto de cozinhar e sair para tomar um chopp. Acho importante nunca deixar a rotina dominar tudo, precisamos parar um momento do dia para fazer algo por nós mesmos"

**Carlos Magno Barreto**  
(Jornalismo)

"Tento separar umas horas pra caminhar e refletir sobre tudo e todos. Lembrar que existem muitas pessoas que passaram por perrengues muito maiores do que os meus, e que eu já sou um vencedor. Entender que um diploma é só um pedaço de papel"

**Igor Passador**  
(Produção Cultural)

"Geralmente quando estou ansiosa com algo, escrevo em um papel sobre o que estou sentindo e como poderia melhorar a situação. Quando o sentimento é muito ruim, costumo amassar e pisar em cima do papel"

**Rayssa Pio**  
(Jornalismo)

"Eu costumo ouvir música e beber algo bem gelado ou bem quente. Também gosto muito de um abraço apertado de algum amigo. Não sei se clinicamente são coisas que fazem sentido, mas sempre melhoraram um pouco a minha situação."

**Catherine Ferreira**  
(Produção Cultural)

"Quando estou triste eu faço de tudo pra realmente sentir aquela bad, reconhecer que estou triste e entender o por quê. Se der vontade choro tudo o que tem pra chorar. E me acalma pôr tudo pra fora, ouvir uma musiquinha calma e depois vida segue."

**Kizzy Lumumba**  
(Produção Cultural)

"Geralmente quando estou ansiosa com algo, escrevo em um papel sobre o que estou sentindo e como poderia melhorar a situação. Quando o sentimento é muito ruim, costumo amassar e pisar em cima do papel"

**Rayssa Pio**  
(Jornalismo)

"Eu passo muito tempo recarregando minhas energias, sozinha mesmo no meu quarto relendo algum livro ou reassistindo séries que me deixem só viajando. Muitas vezes chamo Rafa, meu namorado, para dividir esses momentos. Me ajuda."

**Ingrid Medina**  
(Jornalismo)







Toxicidade em questão vai desde engolir o choro até tornar-se o potencialmente violento

# A caixa dos homens

## A discussão de comportamentos tóxicos na busca por uma masculinidade saudável

Gabriele Santana

Um estudo feito pela ONU Mulheres Brasil e pelo projeto Papo de Homem (PhD) revelou que existe um modelo determinante de como os homens devem ser, agir, sentir e falar: A caixa dos homens. A chamada Caixa do Homem, segundo o estudo, é a linha traçada em torno das expectativas do ideal masculino, que oferecem privilégios e ao mesmo tempo ‘aprisiona’ os próprios homens. O PhD é um dos projetos dispostos a debater e repensar as diversas narrativas masculinas da sociedade.

De janeiro à junho deste ano, o Google Trends, ferramenta do Google que mostra os mais

populares termos pesquisados na rede, registrou um aumento de aproximadamente 78% nos termos de pesquisa ‘O que é ser homem’ e de 96% nos termos de pesquisa ‘Masculinidades’. Os debates sobre masculinidades e figuras masculinas tem tomado visibilidade enquanto interligados às questões de saúde mental do homem e daqueles que os rodeiam.

Cada vez mais, o brasileiro tem se questionado o que é ser homem, e o que define o masculino. Para o professor do departamento de sociologia da USP, Dr. Gustavo Venturi, ser homem trata-se de uma construção social que varia de cultura para cultura e através do tempo. “Essa construção, é feita desde a primeira infância variando apenas o tipo de exi-

gência, que vai de vestir o bebê de azul a cobrar do homem adulto o papel de provedor”, explica.

A ‘caixa’ dos homens, representa e reforça os parâmetros do que é socialmente esperado ao mesmo tempo que salienta e pune os comportamentos e atitudes tidas como indesejadas. “Percebi desde os quatro anos que já cresci em um ambiente familiar machista, heteronormativo, tóxico. Em 2019 pensei em mudar, me desconstruir e pedir ajuda. Iniciei uma terapia e encontrei o grupo dos meninos: O Macho da Relação no Instagram, isso me ajudou bastante”, explica o autônomo Rafael Duarte, 28. Ele participa do projeto de debates de masculinidades O Macho da relação em busca da desconstrução do que entendia como masculino.

### O que são Masculinidades?

Conforme afirma Gustavo Venturi, masculinidades são comportamentos construídos e adotados socialmente que perpassam o espaço e o tempo. “Falamos em masculinidades, no plural, porque além de variar entre culturas e no tempo, em uma mesma sociedade não há um só tipo de masculinidade”, completa.





inconformados\_psi



papodehomem



Fotos: Reprodução/Instagram

Rodas de conversa e perfis no Instagram têm debates sobre Masculinidades na prática

As masculinidades, então, seriam formas de comportamento, exigências sociais e culturais atribuídas a corpos cujo sexo biológico é o masculino, afirma a professora do departamento de história da Universidade Estadual do Paraná, Kety Carla De March. “Essas masculinidades são produzidas e reforçadas ao longo de toda a vida dos sujeitos, cobrando deles determinadas ações e comportamentos”, inteira.

Ramiro Gonzalez, cofundador do projeto Inconformados, grupo de acolhimento e reflexão sobre masculinidades, reconhece que há uma lógica de funcionamento que determina padrões específicos e ideais que os homens devem seguir. Segundo Gonzalez, é justamente essa lógica que cria uma hierarquia entre as diversas masculinidades, e também entre os homens e mulheres: a masculinidade tóxica.

No Brasil, os homens, em todas as faixas etárias, são os que mais morrem, de acordo com o Atlas da Violência 2019. Os homens, também, são os que mais matam, e os que mais matam mulheres, de acordo com o Mapa da Violência 2015. Por outro lado, os homens são os que mais se suicidam, de acordo com o Mapa da Violência Flasco Brasil. A exigência social de tais comportamentos tóxicos podem ser percebidos no momento em que identificamos os seus efeitos colaterais

O cofundador do projeto Inconformados, Fabiano Acriz, explica que a masculinidade tóxica, vigente, é apoiada por nossa sociedade machista e patriarcal, e, devido a isto, as características desse modelo são de bastante opressão e repressão. “Geralmente esse modelo tem relação direta de violência contra o feminino, sendo companheiras heterossexuais e grupos homossexuais as principais vítimas dessa violência”, afirma.

### Além do Heteronormativo

Quem pensa que a masculinidade tóxica, ou vigente, como preferem denominar alguns pesqui-

sadores, é uma realidade apenas dos grupos heterossexuais, se engana. Os comportamentos tóxicos também fazem parte das esferas LGBTQ+, a lógica é simples, aqueles que mais se aproximam de comportamentos tidos como femininos serão vítimas em maiores escalas. “Os homens homos, os trans, os negros podem, mesmo sofrendo, reproduzir lógicas de opressão tornando-se desta forma vítima e reprodutor da mesma estrutura”, afirma Gonzalez.

As vítimas desses comportamentos tóxicos também podem ser potenciais reprodutoras das mesmas condutas. Ramiro Gonzalez afirma que: “todos os sujeitos que vivem nessa sociedade reproduzirão a mentalidade social vigente. Isso não quer dizer de maneira alguma que não possamos fazer nada diante da estrutura de opressão, é possível entrar em um processo de senso crítico destas estruturas sociais e iniciar o processo de desconstrução desses padrões, que não é fácil, não é simples e nem é rápido, mas é possível e é gradativo”.

### Desconstrução

Debater e desconstruir os comportamentos tóxicos que perpassam as masculinidades é necessário, é o que afirma o baiano Marcus Boaventura, terapeuta e criador do projeto O macho da relação. Boaventura explica que o projeto nasceu a partir de sua percepção de que os únicos lugares de socialização masculinos eram os ‘babas’ e churrascos. Ao contrário das mulheres que, através do feminismo encontraram lugares para debater o seu lugar na sociedade.

O macho da relação, tem como principal meio de socialização, assim como os demais projetos, o Instagram. Porém, hoje o projeto tem algumas rodas de conversas e grupos no WhatsApp de homens dispostos a colocar em cheque suas masculinidades. “De início tratava-se de algo bem simples mas depois tomou proporções bem maiores”, explica Marcus.

“Quando criança não podia falar nem demonstrar fragilidade, percebo que isso me afeta até hoje.

O Macho da Relação tem me ajudado bastante trazendo reflexões e meditações diárias para repensar sobre a masculinidade tóxica” afirma Bruno Moncorvo, 26, psicólogo, quadrista e participante das rodas de conversa.

Outro exemplo de projeto criado disposto a debater as masculinidades é o Inconformados, fundado por Fabiano Acriz e Ramiro Gonzalez como um projeto de extensão da Universidade Santa Úrsula. “O inconformados é um grupo de acolhimento e reflexão sobre masculinidades. Nosso objetivo é reunir homens que estejam inconformados com sua realidade social e que estejam dispostos a desconstrução e reconstrução de si mesmo”, explica Gonzalez.

Dentre os inúmeros grupos espalhados dentro e fora internet, o projeto Papo de Homem (PhD), fundado por Guilherme Valadares em 2006 é um dos projetos mais antigos a explanar o debate sobre o masculinidades. Em um dos seus textos publicados no PhD, Guilherme afirma que está na hora de pensarmos um pouco mais sobre as masculinidades saudáveis: “O debate em torno dos aspectos negativos dos homens é absolutamente necessário. Mas quando ele domina 90% da pauta e não sonhamos outras possibilidades, a mensagem arrisca se transformar em algo patológico”.

Decerto, a masculinidade tóxica ocupa a maior parte dos debates que envolvem masculinidades. Numa sociedade onde os homens são potencialmente violentos é difícil não ter a masculinidade tóxica nos centros de debates. É imprescindível que haja discussão sobre as masculinidades saudáveis em nossa sociedade e o reconhecimento desses lugares de debate. Porém, é indispensável perceber e falar dos comportamentos tóxicos que tanto afligem nossas vidas, para que assim, seja possível a desconstrução do masculino tóxico.



# Quem cuida também precisa de cuidado

## Os reflexos do Alzheimer na família de quem tem a doença

Ana Carolina Faria

**N**ão costumamos trazer a morte para nossas vidas. Nos agarramos à esta dimensão como um bebê agarra o dedo da mãe. Porém, quando ela vem, de repente, sem pedir licença e nos separa de alguém que amamos, precisamos lidar com a situação. Mas e quando ela pede licença, senta no sofá, toma um café e resolve ficar por tempo indeterminado? Segundo a psicóloga Inês Lima, 54, esse processo de lidar o tempo todo com um desenlace iminente, que é o que ela chama de enlutamento, é trazido à tona pela Doença de Alzheimer (DA).

Seu Humberto, Dona Irene e Conceição são os protagonistas das histórias aqui contadas. Todos eles foram diagnosticados com Alzheimer e, a partir disso, suas vidas mudaram completamente, mudando também as dos seus familiares. Gastos com remédios e cuidadores, cansaço físico e mental, nervos à flor da pele, medo de também adquirir a doença no futuro, incertezas de como lidar com os sintomas. Essas são algumas das questões trazidas por parentes que cuidam de alguém com a DA. Uma declaração unânime foi a de que é nessa hora que o amor que sentem por aquele ente querido é testado.

Além de lidar com as limitações físicas, quando se trata da DA, é preciso enfrentar as complicações mentais. Um estudo da Faculdade de Medicina da USP mostrou que pessoas próximas a pacientes com Alzheimer apresentam sintomas de ansiedade e têm cinco vezes mais chance de desenvolverem depressão. “A tendência é sentir saudade do que

aquele idoso foi, entristecer por saber que a doença é progressiva e não tem cura e estar sempre hiper-vigilante com a possibilidade de uma notícia ruim”, explica Inês Lima, psicóloga.

A DA é caracterizada por provocar perda progressiva das habilidades de raciocinar e memorizar, além de produzir alterações no comportamento. Até mesmo as lembranças do próprio casamento e dos nomes dos filhos podem ser comprometidas. “Geralmente, os pacientes não têm consciência de que estão se esquecendo das coisas. Eles apresentam dificuldades para gerenciar sua própria vida e podem chegar a um estágio que os levam a não saber o caminho de casa, por exemplo”, diz o médico geriatra Adriano Gordilho, 64.

### Os desafios

Conceição, mãe da professora Leila Gomes, 41, passou cerca de três anos com Alzheimer e já faleceu há dois. Leila conta que ela chegou a ficar sem andar e sem falar, com acompanhamento de home care. Mesmo com o auxílio das cuidadoras, a filha reclama do cansaço que enfrentou. “Não é só o cansaço físico, é também o mental”, diz. E completa: “ver uma pessoa da sua família ficar em cima de uma cama é algo muito triste e que te coloca para baixo”.

A mãe de Leila não enfrentou problemas para conseguir o diagnóstico, mas o mesmo não aconteceu com Dona Irene. Ela passou por cinco médicos e, durante três anos, teve o diagnóstico de Alzheimer. A família, porém, decidiu consultar mais um geriatra. “Ele disse que ela não tinha Alzheimer. Eu me sinto impotente, é cansativo ouvir dos médicos

coisas imprecisas”, desabafa a nora de Dona Irene, Fabiana Correia, 41, professora. Ela conta também que a sogra tomou, durante dois anos, um remédio que custava cerca de 200 reais e que, segundo o médico, não fez nenhum efeito.

Após o percurso do diagnóstico, a esposa de Seu Humberto diz que a família está em processo de reestruturação, já que ele era o pilar que sustentava todos. “Ele era o meu porto seguro. São 57 anos de casada”, diz Simara Ellery, 76, aposentada. Devido aos muitos anos de parceria e aos cuidados que ele teve com ela, Simara deposita em si o peso da responsabilidade. “O amor que eu sinto está sendo testado. É uma doença de família, mas os meus filhos não têm tanta responsabilidade quanto eu para com ele agora”, expressa.

### O dia a dia

Dona Irene mora em Canaã, interior da Bahia e vem para Salvador cerca de três vezes ao ano. Lá, ela tem cuidadoras, mas, quando vem para cá, fica na casa de Fabiana, que é quem administra toda a situação, mesmo de longe, e a leva ao médico, por saber de todos os detalhes da doença da sogra. O marido sai para trabalhar e Dona Irene fica sob os cuidados de Fabiana. Quando ela precisa dar aula, pede socorro à mãe. “Essas três vezes que ela vem para a minha casa valem por muitas. Ela está comigo há 15 dias e já estou com dores na coluna por ter que dar banho e carregar, já que aqui a cadeira de rodas não passa nas portas”, relata Fabiana.

Seu Humberto não tem limitações físicas, mas nem por isso a rotina da esposa e da filha não se torna cansativa. “A gente fica sem querer tirar as





Seu Humberto ao lado de Simara, sua esposa

Conceição, ao lado da filha Leila, formanda, e da sobrinha Rozeni

Dona Irene com o filho, a nora, as netas e a mãe de Fabiana

coisas dele, sem querer prender ele em casa. São escolhas difíceis”, diz a filha Ilay Ellery, 47, servidora pública. São as pequenas coisas do dia a dia que entristecem os filhos, que acompanham a mudança de comportamento do pai, como se ele estivesse se tornando uma outra pessoa. “Outro dia ele me deu um empurrão. Aquilo para mim foi um choque. Se não tivesse a cama atrás, eu teria caído no chão”, conta a esposa Simara.

#### Para além dos sintomas

Para Fabiana, a doença de Dona Irene acabou sendo motivo de união. Os dois filhos, que, por serem muito diferentes, sempre referiram se afastar, se voltaram para algo em comum por conta da mãe. “De tudo de ruim que a doença trouxe, podemos tirar isso de bom. Eu sinto que Dona Irene percebe e fica mais feliz”, diz Fabiana. Já Leila, filha de Conceição, não tem a mesma visão, acreditando que a doença mexe de maneira negativa com todos que estão em volta. “Querendo ou não, suas preocupações estão todas voltadas para aquela pessoa. Eu passei a ficar mais tensa, mais nervosa. Os ânimos da família ficam mais exaltados e qualquer coisa pode ser motivo de briga”, conta.

Simara deixa transparecer muita preocupação em relação a como a doença do marido a afeta. Ela lembra que ele sempre foi ciumento e que eles sempre fizeram tudo juntos. Agora, o ciúme se intensificou e, como ele não está mais tão ativo, tenta fazer com que ela também desacelere. “Ele quer que eu viva exclusivamente para ele. Se eu saio do lado, ele reclama. Eu sei que tenho que compreender, mas acredito também que, se eu me anular dessa forma, vou sair prejudicada”, explica Simara.

“Ter que lidar com alguém que sempre cuidou de você e agora precisa de cuidados e nem te reconhece mais é muito duro. É como se um tipo de morte chegasse antes da verdadeira morte”, explica a psicóloga Inês Lima. Diante disso, as entrevistadas procuram aliviar as dores da rotina do jeito que podem. Para Leila e Fabiana, que são colegas de trabalho, a troca de experiências é fundamental. “Você saber que outras pessoas passam pelo mesmo que você dá um certo alívio. Conversar com ela me dá um suporte porque uma conforta a outra”, diz Leila. Para quem não tem com quem trocar figurinhas, Inês recomenda a procura por um psicólogo ou grupo de apoio.

### Tratamento da família para uma doença de família

A ajuda emocional direcionada para familiares de pessoas com Alzheimer, apesar de essencial, ainda é pouco conhecida. Em Salvador, a Associação Baiana de Parkinson e Alzheimer (ABaPAz) oferece atendimento psicológico individual gratuito e coordena encontros que são previamente agendados por ela. Já a Associação Brasileira de Alzheimer (ABRAz) promove dois grupos de apoio, um informativo e outro social e emocional. O segundo acontece toda quarta-feira do mês, às 14 horas, na Sede de Congregaçã e Centro de Encontros Irmãs Mercedárias, no bairro do Rio Vermelho.

Com um clima de empatia e solidariedade, as reuniões têm um público predominantemente feminino fiel. Segundo a presidente da ABRAz Bahia, Marina Gordilho, o retorno é bastante positivo. O marido da aposentada Lourdes Rocha, 70, tem Alzheimer e ela já frequenta o grupo há dois anos. “É uma terapia. Compartilhando a gente ensina e aprende muito. Fiquei dois meses sem vir e senti muita falta”, afirma.

ABaPAz: (71) 3470143 / abapa@abapaz.org.br

ABRAz: (11) 997217425 / bahia@abraz.com.br





A psicóloga Gabriela Neves em seu consultório no Itaigara

# O mundo está ansioso ou só eu?

No país da ansiedade, tratamento, família e condições econômicas interferem na saúde mental

Victor Lucca Ferreira

**A**lgo vai acontecer; algo ruim. O coração acelera, a respiração fica ofegante. O medo fica 10 vezes mais forte. De acordo com a OMS, 33% da população mundial vivenciam essa “explosão de sentimentos” constantemente. O transtorno de ansiedade generalizada (TAG), atualmente atinge cerca de 10% da população brasileira; líder do quesito no mundo.

Para a psicóloga Gabriela Neves, membra da Federação Brasileira de Terapias Cognitivas (TCC) e também fundadora do Centro de Terapia Cognitiva de Salvador, o indivíduo ansioso cria “catástrofes” para lidar com as situações da vida, principalmente as que estão fora do seu controle. Seja por questões socioeconômicas, idade ou falta de compreensão dos familiares; a ansiedade está cada vez mais “generalizada”.



## **A ansiedade é um sentimento natural. Quando isso se torna transtorno de ansiedade (TAG)?**

A ansiedade é reação ao estresse, preocupação com alguma coisa. Todos nós em algum momento sentimos ansiedade. Isso não é patológico. É patológico quando há conjunto de sintomas, que desestrutura a vida da pessoa. Intolerância à incerteza, nervosismo excessivo, preocupação com a preocupação e etc. Isso nos priva de algumas situações que poderiam ser benéficas. A pessoa com TAG acaba não acreditando no seu trabalho. Causa um grande problema na vida da pessoa.

## **Então, esse problema não necessariamente afeta a vida da pessoa como um todo?**

Algumas ansiedades são específicas, como falar em público. Ou seja, a pessoa se desenvolve bem em praticamente todas as áreas, mas tem uma fobia nisso. Porém, o TAG não. Logo, a pessoa está no presente preocupada, que virá uma grande incerteza na vida dele como um todo. Em pessoas ansiosas há um “erro cognitivo” bastante comum, que é a catastrofização. Ao interpretar a situação, há uma tendência a prever algo catastrófico. A pessoa acha que sempre acontecerá uma tragédia. Quem não é ansioso também comete erros cognitivos, só que a pessoa reflete e reavalia. Já o indivíduo com TAG acredita na catástrofe e que o tempo todo esse futuro será devastador.

## **Quais aspectos do Brasil podem fazer com que sejamos o número 1 em transtorno de ansiedade?**

O Brasil tem uma incerteza econômica há alguns anos; desemprego. Um fator muito estressante pode alimentar ansiedade, apesar de ser uma questão multifatorial. Outro fator é que vivemos em um país violento, portanto a incerteza nisso também influencia. Questões hereditárias, bioló-

gicas, ligação com a personalidade de indivíduo, razões sociais e ambientais.

## **Você acredita que a atual juventude está mais suscetível a esse tipo de transtornos?**

Tenho recebido muitos adolescentes com transtornos ansiosos e venho percebendo um aumento nesse cenário. Nós temos percebido nos pais uma dificuldade de delegar ações para os seus filhos. Então, hoje as crianças não andam na rua, os adolescentes não andam de ônibus. Os adolescentes são criados sem aprender a resolver problemas, sempre tem um adulto resolvendo as dificuldades. Quando esse adolescente cresce e terá que lidar com a vida real. Ele está sendo educado para as adversidades que a vida se impõe muitas vezes? Então, pode gerar ansiedade.

## **O TAG pode ter influência com o suicídio?**

Pode. Não é o transtorno que mais acomete o suicídio, mas o que se percebe é o transtorno misto. Ansiedade e depressão por exemplo. O indivíduo com ansiedade e não recebe tratamento adequado, provavelmente em cinco anos pode começar um processo de depressão também. Os dois unidos podem levar ao suicídio.

## **Em geral, sempre vários fatores levam ao suicídio?**

Sim. Inclusive uma queixa da psicologia ao jornalismo e que às vezes quando é noticiado um suicídio é muito reducionista. Por exemplo, “um adolescente que se matou, pois sua namorada terminou com ele”. Isso é um fator, só que normalmente não sabemos todas as outras questões da vida daquela pessoa, se tinha uma predisposição à transtorno psiquiátrico e etc.

## **As mulheres sofrem mais de ansiedade do que os homens. O porquê disso?**

Além de diferenças hormonais, há uma hipótese interessante, a qual a mulher na nossa socieda-

de tem mais aceitação para falar das emoções. Já os homens têm uma dificuldade de concordar que sofre por questão psicológica. Nesse momento na clínica, temos 35% de pacientes homens, mas não é o mais comum. Ao longo dos 18 anos em que eu trabalho aqui há um maior número de pacientes mulheres.

## **Como pessoas que convivem com alguém ansioso podem ajudar?**

Às vezes o familiar até quer ajudar, mas acha que os pensamentos do paciente e as ações ao que está acontecendo são desproporcionais. Então, ficam irritados e querem que a pessoa resolva aquilo de forma simples e rápida. Sabe-se que não é assim. Observe que o transtorno ansioso não vem sozinho, vem com uma “personalidade de Maria, desemprego de José”. Todas as outras dificuldades da vida deles influenciam.

## **Após “curado” é possível adquiri-lo de novo?**

Deve tomar muito cuidado com relação a ideia de “cura”. A medicina se desenvolve e talvez daqui a alguns anos poderemos falar nisso. O que é observado é que paciente pode apresentar algum transtorno ansioso em um período da vida dele, fazendo um tratamento adequado e conviver bem com essa situação. Não apresentando mais crises ansiosas. Como também não quer dizer que está curado. Pode ocorrer de ser feito um tratamento bem sucedido e depois por “n” fatores, externos e internos, decorrer uma nova crise nesse paciente.

## **Erros cognitivos**

São pensamentos automáticos, que aparecem em situações importantes na vida e prejudicam tomadas de decisão. Todos nós podemos ter essas reações, mas o ansioso tende a ampliar muito esses efeitos.

### **Os mais comuns**

**CATASTROFIZAÇÃO:** o pior está para acontecer, ignora variações como resultados positivos.

**POLARIZAÇÃO:** você vê o mundo em preto e branco e ignora inúmeros tons de cinza.

**DESCONSIDERAÇÃO DE ELEMENTOS POSITIVOS:** Esquece a importância de suas realizações, como se fossem naturais e não merecessem celebração.

**RACIOCÍNIO EMOCIONAL:** Avaliações baseadas em sentimentos pessoais e não na razão objetiva.

**ROTULAÇÃO:** Usar um termo negativo para descrever algo, sem prova ou análise de outras considerações.





# Como voltar ao mercado após a depressão

Profissionais largam o emprego por conta da depressão. Entenda alternativas que facilitam o processo de reinserção no ambiente de trabalho

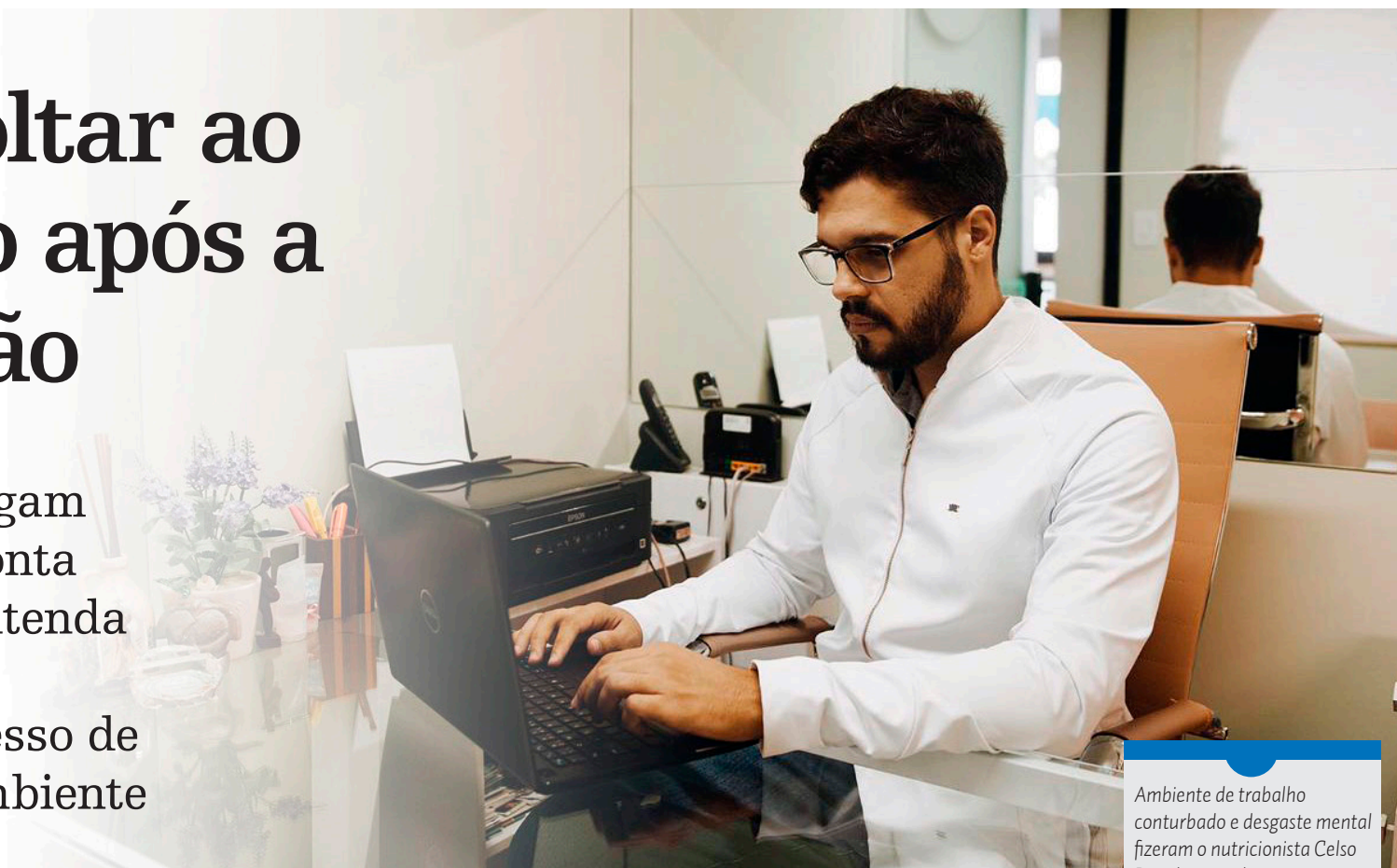


Foto: Gerson Xavier Macedo/Divulgação

Ambiente de trabalho conturbado e desgaste mental fizeram o nutricionista Celso Ricci buscar alternativa profissional

Nicolle Pereira

**O** seu chefe e a rotina de trabalho costumam afetar a sua saúde? Se a resposta for sim, saiba que você não é o único a passar por isso. Transtornos depressivos e de ansiedade estão entre as maiores causas de incapacidade, de acordo com os dados da ONU - Organização das Nações Unidas.

A depressão afeta 5,8% dos brasileiros, segundo dados da OMS - Organização Mundial Da Saúde. Embora possa ser causada por inúmeros motivos, o estresse, ansiedade, desentendimentos familiares e a rotina de trabalho, são alguns dos principais catalisadores. Em algumas pessoas a hereditariedade é um fator importante, já que parentes também podem apresentar esse quadro.

O âmbito trabalhista pode ser o próprio responsável pelo desencadeamento da depressão. Cobranças diárias, discussões no ambiente corporativo e até mesmo a forma como é mantida a relação de convívio na empresa, podem comprometer o desempenho não só de uma pessoa, mas de toda a equipe.

Tauana Silva, 21, é um exemplo. O excesso de trabalho e a pressão dos chefes, desencadearam a doença na época em que trabalhava como vendedora, e por conta disso, a jovem solicitou o pedido de demissão. “Estar no trabalho me fazia entrar em desespero” ela lembra. Após 2 meses de recuperação e acompanhamento, conseguiu ingressar em uma nova empresa, e segundo ela, só por não ter voltado para o mesmo ambiente, já facilitou a experiência de reinserção no mercado.

Casos como o de Tauana são comuns de acontecer, principalmente, no âmbito trabalhista. Mathews Magnum, 21, trabalhava como recepcionista quando também passou por situações desagradáveis. “Tinham momentos que eu só queria me isolar, por casos de medo, receio de algo acontecer comigo ou com alguém”, ele lembra. Enfrentava picos de estresse contínuos, foi aí que decidiu procurar ajuda médica, que durou em média 6 meses, com 2 sessões de terapia por semana.

Para Celso Ricci, 29, a logística de trabalho e a pressão de ter que alcançar resultados são alguns dos fatores que comprometem o ambiente corporativo. O nutricionista teve depressão e crise de pânico no final do ano passado, quando trabalhava em três clínicas diferentes e era gerente de um hotel de pequeno porte. A decisão de procurar ajuda médica e mudar de emprego foram fundamentais para o nutricionista, que hoje trabalha de modo autônomo. “Agora presto mais atenção ao meu ritmo de trabalho”, ele lembra.

Em casos como esses, a busca por ajuda é fundamental. Para a psicóloga Débora Assunção, o processo de fala é curador. Todo o acompanhamento varia conforme o grau da doença que cada pessoa possa apresentar, que pode ser uma depressão leve, moderada ou grave. “É impossível mensurar a depressão como uma coisa só, é por isso que existem vários tipos de depressão e vários tipos de medicamentos”, relata a psicóloga. Algumas pessoas conseguem sair de crises depressivas apenas com a psicoterapia, já outras, podem precisar de psiquiatria e medicação.

Falar sobre o que sente é muito importante, para restabelecer a autoestima, resgatar a autonomia e melhorar a funcionalidade, como lembra a especialista. Quando perguntamos para um dos entrevistados, se ele acha que conseguiria se recuperar sem ajuda, o rapaz rebate, “Acho que não. É difícil vencer algo sozinho.”

Além do acompanhamento médico, é possível melhorar a saúde mental tomando outras iniciativas. Uma alternativa é se afastar do mercado de trabalho por certo período, já que o direito ao seguro desemprego possibilita que muitos trabalhadores possam requerer a um auxílio salarial, a depender da condição em que se encontram. Tirar um tempo para se entender e focar no tratamento é algo muito benéfico. Essas práticas, além de melhorarem o próprio quadro de saúde, facilitam o processo de reintegração do mercado.

Ingressar em uma nova área ou em outra empresa também são ótimas alternativas, assim como se reinventar em algum projeto autônomo. Uma das entrevistadas ainda comenta “Com rotina e pessoas diferentes, o ambiente não mais parece que vai sugar, e sim, somar.” Novos lugares têm outra energia, e auxiliam muito no processo de readaptação.

O trabalho, de fato, é importante, já que contribui com a renda. Porém, procure atividades que te façam feliz. O equilíbrio entre a vida profissional e algum tipo de lazer também ajudam no processo de reintegração no âmbito trabalhista. Um bom exemplo são as atividades físicas, que auxiliam no combate da depressão e de doenças crônicas





# Sem desculpas

## 33 instituições que oferecem psicoterapia gratuita ou de baixo custo em Salvador

Lahara Carneiro

Para quem está em sofrimento psíquico, a consciência de que precisa de acompanhamento psicoterapêutico profissional costuma chegar junto com a ideia de que o valor das sessões é uma das barreiras para sentar no divã. Essa realidade tem estimulado psicólogos a flexibilizar tabelas de preços para atender um público mais diverso, não apenas o daquele que pode pagar o valor normal. Esses profissionais querem desmistificar a ideia de que o investimento nesse tipo de tratamento é um luxo para poucos.

Diante da complexidade que é a busca por este serviço, a vulnerabilidade financeira de estudantes e jovens que não têm condições para custear o valor habitualmente cobrado, o Jornal da Facom fez um levantamento de instituições que prestam atendimento gratuito ou de baixo custo em Salvador. Formos atrás de serviços e profissionais que têm serviços alternativos às clínicas tradicionais, incluindo consultórios que reservam horários para o chamado atendimento social. As opções são se apresentam como forma de deixar que o valor da consulta seja uma desculpa para não cuidar da saúde mental.

### É possível

Na Tabela de Referência Nacional de Honorários dos Psicólogos, divulgada pelo Conselho Federal de Psicologia, a média do valor limite inferior para acompanhamento psicoterapêutico é em torno de 200 reais. Em Salvador, profissionais que reservam horários para Clínica Social chegam a cobrar menos da metade do seu valor habitual. Muitos costumam pedir nesses casos entre 25 e 60 reais por sessão, se adequando às possibilidades financeiras dos pacientes e buscando um acordo do quanto podem pagar. Universidades prestam atendimento à população através de clínicas-escola nas quais estudantes de Psicolo-

gia, geralmente a partir do sétimo semestre do curso, tornam-se estagiários e, sob supervisão de professores da instituição, oferecem atendimento gratuito ou Social. Há espaços onde o acesso a psicoterapia se dá sem custos, principalmente através de instituições que prestam serviço voluntário ou da saúde pública, como é o caso dos Centros de Atenção Psicossocial (Caps) - unidades especializadas em saúde mental de pessoas com transtorno mental grave e persistente.

Segundo o Atlas de Saúde Mental de 2017 da OMS, o investimento governamental nessa área cresce em ritmo insuficiente. Os CAPS são exemplos disso. A demanda de quem procura atendimento sem custos é muito alta para a quantidade de profissionais disponíveis.

### Social, não promocional

A universalização do acesso da população aos serviços prestados pelo psicólogo é um dos princípios deste profissional, que tem ampliado a oferta do chamado Atendimento ou Clínica Social. O serviço se destina às pessoas em situação de exclusão social por fatores socioeconômicos ou de vulnerabilidade e risco. É como os psicólogos classificam a terapia com valor abaixo da tabela, uma alternativa criada para quem não consegue vaga em espaços nos quais são oferecidos tratamento gratuito ou não tem como custear os valores comumente cobrados.

No Código de Ética do Psicólogo é vedada a divulgação de preço como forma de propaganda e, portanto, essa modalidade não deve ser tratada só como sinônimo de valor reduzido ou ser divulgada unicamente para este fim de forma indiscriminada para todos os pacientes. Os profissionais reservam uma cota entre os seus atendimentos habituais que, apesar de serem horários limitados, fazem toda a diferença para quem precisa do tratamento mas tem baixa renda, está desempregado ou não possui um plano de saúde que cubra o serviço. ●

## UNIVERSIDADES E CLÍNICAS-ESCOLA

### Faculdade Social (FSBA)

Atende estudantes

R. Senta Púa, 191 - Ondina - Atrás do Colégio ISBA

Tel.: (71) 4009-2937

**Valor:** taxa mínima é de 10 reais. Há lista de espera

### Faculdade de Tecnologia e Ciência (FTC)

Atende psicólogos e estagiários

Av. Luís Viana Filho, 8812 - Paralela

Tel.: (71) 3281-8073

**Valor:** gratuito. Há lista de espera

### Faculdade Ruy Barbosa

Quem atende: estudantes

R. Theodomiro Baptista, 422, Rio Vermelho

Tel.: (71) 3205-1745 / 3334-2021 / 3205-1745

**Valor:** gratuito. Há lista de espera

### Unijorge

Quem atende: estudantes

Av. Luís Viana, 6775 - Paralela - Tel.: (71) 3206-8489

**Valor:** gratuito

### Instituto Multidisciplinar de Assistência à Saúde do Centro Universitário Jorge Amado

Quem atende: estudantes

Av. Edgard Santos, s/n, Narandiba

Tel.: (71) 3103-3900

**Valor:** gratuito. Há lista de espera

### Unifacs

Quem atende: estudantes

PA1, Av. Cardeal da Silva, 132, Federação

Tel.: (71) 3271-8119

**Valor:** gratuito. inscrições no início de cada semestre

### Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública

Quem atende: psicólogos

Av. Dom João VI, 275, Brotas

Tel.: (71) 3276-8259

**Valor:** taxa mínima de 50 reais

### Faculdade de Psicologia da UFBA

Quem atende: estudantes

Campus de São Lázaro

Tel.: (71) 3283-6433 / 3235-4589

**Valor:** taxa mínima de 10 reais. Há lista de espera

### Faculdade Estácio

Quem atende: estudantes

R. Xingu, 179, Jd Atalaia, Stiep - Tel.: (71) 2107-8144

**Valor:** gratuito. Há lista de espera

## CLÍNICAS E CENTROS COM ATENDIMENTO SOCIAL

### Lar Harmonia

Quem atende: psicólogos voluntários ou estudantes de universidades parceiras

R. Dep. Paulo Jacson, 560, Piatã

Tel.: (71) 3286-7796, ramal 119

**Valor:** gratuito. Há lista de espera



### Núcleo de Atendimento Psicológico (NAPSI)

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
Rua Senador Theotônio Vilela, 110, Brotas. Edf. Cidarella Center III, 4º andar  
Tel.: (71) 3491-5940  
**Valor:** triagem de 20 reais; sessão a combinar

### CentralPsi

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Metódio Coelho, Av. ACM, 104  
Tel.: (71) 3565-1625  
**Valor:** a combinar

### GestarPsi

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Ewerton Visco, 290, Caminho das Árvores. Edf. Boulevard Side Empresarial, sala 211  
Tel.: (71) 99373-3334  
**Valor:** a combinar

### Clínica Desenvolver

Atende psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. das Alfazemas, Iguatemi Business Flat, 761, Sala 505  
Tel.: (71) 3354-1424 / 99204-0171  
**Valor:** a combinar; há lista de espera

### Clínica Libertas

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Leonor Calmon, 256, Cidade Jardim. Centro Médico Christian Barnard  
Tel.: (71) 3358-8585 / 98819-8979  
**Valor:** a combinar

### Psiquê Clínica de Psicologia e Centro de Estudos C. G. Jung

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Amazonas, 172, Pituba  
Tel.: (71) 3345-0606 / 98314-9455  
**Valor:** a combinar

### Nuceps - Núcleo de Estudos e Práticas Sistêmicas

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Altino Serbeto de Barros, Itaigara. Edf. Itaigara Memorial, 241, sala 1301  
Tel.: (71) 98805-6944  
**Valor:** a combinar

### Espaço Lar Saúde

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Monsenhor Basílio Pereira, 10, Cidade Baixa. Edf. Andrade  
Tel.: (71) 98160-0087  
**Valor:** a combinar

### Espaço Terapêutico Lotus

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
Av. ACM, Edf. Aurélio Leiro, sala 305  
Tel.: (71) 99142-5473  
**Valor:** a combinar

### Integra Clínica de Psicologia

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Doutor José Peroba, 325 - Edf. Elite Comercial  
Tel.: (71) 3034-0405  
**Valor:** a combinar

### Núcleo de Estudo e Prevenção do Suicídio (NEPS)

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Direta do Saboeiro, Estrada Velha do Saboeiro, s/nº, Cabula - Tel.: (71) 3116-9440  
**Valor:** a combinar

### Clipas Psicologia

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
Onde: Av. ACM, 771, Itaigara - Edf. Torre do Parque, sala 401 - Tel.: (71) 99978-6004  
**Valor:** a combinar com o profissional

### Mente e Physio

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Frederico Simões, 98, Edf. Advanced Trade, sala 905 - Tel.: (71) 99993-4355 / 98154-4449  
**Valor:** a combinar

### Círculo Psicanalítico da Bahia

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Adhemar de Barros, 1156, Ondina - Edf. Master Center - Tel.: (71) 3245-6015  
**Valor:** a combinar

### Alegria de Viver

Quem atende: profissionais formados que disponibilizam horários para Atendimento Social  
R. das Ubaranas, 347 - Pituba - Tel.: (71) 99157-0222  
**Valor:** mínimo de 25 reais

### Espaço Virtú

Quem atende: psicólogos com horários para Atendimento Social  
Av. Tancredo Neves, Nº 805, Caminho das Árvores - Edf. Espaço Empresarial, sala 203  
Tel.: (71) 99117-0318 / 4113-0315  
**Valor:** a combinar

### Enarê Psicologia e Medicina Homeopática

Atende psicólogos com horários para Atendimento Social  
R. Odilon Santos, 205, sala 101, Rio Vermelho  
Tel.: (71) 99129-0024  
**Valor:** a combinar

## PÚBLICO ESPECÍFICO

### Centro de Atendimento à Mulher Loreta Valadares

**Público:** mulheres vítimas de violência  
Quem atende: psicólogos  
Praça Almirante Coelho Neto, 01, Barris  
Tel.: (71) 3235-4268  
**Valor:** gratuito

### Evoluart Terapias

**Público:** mulheres vítimas de violência doméstica e abuso sexual  
Quem atende: psicólogos  
Alameda Praia de Guaratuba, Stella Maris Empresarial JD Center, sala 102  
Tel.: (71) 99920-9304  
**Valor:** gratuito

### Projeto Viver - Serviço de Atenção a Pessoas em Situação de Violência Sexual

**Público:** vítimas de violência sexual e familiares  
Quem atende: psicólogos  
Av. Centenário, s/n, térreo do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues  
Tel.: (71) 3117-6700 / 3117-6702  
**Valor:** gratuito

### Centro de Referência LGBT

**Público:** lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais e travestis  
Quem atende: psicólogos  
Av. Oceânica, 3.731, Rio Vermelho  
Tel.: (71) 3202-2750 / 3202-2716  
**Valor:** gratuito

### Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA)

**Público:** crianças e adolescentes vítimas de abuso sexual e familiares de crianças vítimas de homicídio  
R. Gregório de Mattos, 51, 1º andar, Pelourinho. Ao lado da Fundação Mestre Bimba  
Tel.: (71) 3321-5196 / 3321-1543  
**Valor:** gratuito

### CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL - CAPS

Quem atende: psicólogos  
Endereço e telefone dos 18 centros contam com o serviço: <http://bit.ly/CAPSSalvador>  
**Valor:** gratuito







Emanuele, uma das beneficiadas pela equoterapia

## Aparato visto como repressivo, Cavalaria da PM expande serviço social que atende crianças e adolescentes com deficiências na capital e interior

Victor Ferreira Fonseca

# Além da patrulha

**P**ais e mães de crianças e adolescentes com deficiências ou necessidades especiais possuem um aliado inusitado na assistência especializada aos seus filhos. No último ano, a Cavalaria da Polícia Militar da Bahia (PMBA) ampliou a oferta de equoterapia à população de todo o estado. Os animais, que costumam ser lembrados como parte do aparato repressivo em momentos de confronto, atendem cada vez mais pessoas necessitadas em diferentes municípios.

Na capital, os atendimentos são feitos em um espaço que remete ao interior. Vizinho ao Parque de Exposições Agropecuárias, o Centro de Equoterapia funciona em meio às árvores e ao lado das baías, onde o ruído do trânsito é substituído por sons da natureza. É nesse ambiente de tranquilidade que Emanuele, de dois anos, participa do projeto.

Mesmo em um dia de chuva, Raflésia Brandão trouxe a filha Emanuele, autista, para o quartel. “Vi que o tempo deu uma trégua e corri para aproveitar o programa. Muita gente queria ter esse privilégio, então não deixo de comparecer e vejo progresso no desenvolvimento da minha pequena”, relata a mãe, que é servidora pública. A maior parte do público atendido é composta por vítimas de paralisia e outras deficiências físicas, mas não apenas esses casos. Microcefalia e Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade são exemplos de distúrbios também contemplados pelo serviço.

Em Salvador, onde a iniciativa surgiu, em 1993, está a maior parte da oferta e demanda do serviço. “Hoje atendemos 131 crianças, no limite da estrutura disponível. A lista de espera tem mais de mil interessados, nossa meta é expandir a capacidade”, explica a presidente da Associação Bahiana de Equoterapia, Maria Cristina Brito Guimarães.

Contribuindo com uma taxa simbólica entre 10 e 20 reais mensais, as famílias recebem atendimento de uma equipe interdisciplinar composta por psicólogo, fisioterapeuta, assistente social, psicopedagogo e policial equoterapeuta. O trabalho é feito sempre pela manhã, de segunda a sexta. “Este mesmo serviço, em clínicas particulares, custa em torno de 500 reais”, compara Maria Cristina. Parcerias permitem que o projeto seja feito já há 25 anos, sempre em crescimento, sem interrupção. “A participação ativa do Esquadrão de Polícia Montada da PM é fundamental, com os cavalos, condutores, veterinários e espaço físico. Contamos também com a cooperação do Exército Brasileiro, da APAE e Instituto Pestalozzi, entre outros apoiadores”, explica a presidente e fundadora.

As sessões duram em torno de 15 a 20 minutos, mas o alcance vai muito além disso. “Desde quando começa a se arrumar em casa, também no momento em que chega aqui e se prepara para o início dos exercícios, o paciente se envolve com a aura que o contato com o animal produz. São emoções e

sentimentos que favorecem o desenvolvimento individual”, esclarece a psicóloga Érica Ferreira, que atende no local.

A equipe se prepara conforme a idade e condição clínica de quem será atendido. A fisioterapeuta Thaís Conceição, enquanto realiza os exercícios em forma de brincadeira com a criança montada no cavalo, distrai e acalma os mais inquietos com canções infantis. “Alguns ficam agitados na hora de sair do colo da mãe e montar no animal, mas quando começa a marcha, o efeito é mágico. O ritmo sobre a cela e a trilha sonora rapidamente fazem com que a atividade se torne interessante”, afirma Thaís. Diferentes brinquedos, com variadas cores e funções, ficam dispostos em uma altura ao alcance da meninada, que realiza as séries e repetições necessárias até atingir o objetivo de cada sessão.

Nos mesmos moldes, várias unidades da PM no interior estão abrindo as portas para a população que se beneficia dessa terapia. Os centros de equitação (CE) mais antigos, além de Salvador, estão em Feira de Santana, Paulo Afonso, Itabuna e Santo Antônio de Jesus. Também nos mais recentes, que são Teixeira de Freitas, Jequié e Juazeiro, os interessados podem procurar a corporação, nos batalhões de cada cidade, e a associação, através do site [abaebahia.org.br](http://abaebahia.org.br), telefone (71) 3249-0599 e whatsapp (71) 99963-5862. “Esse trabalho está alinhado com o planejamento estratégico institucional e firma o nosso compromisso de unir a PM e comunidade na corrente do bem”, pontuou o capitão Felipe Perazzo, do Esquadrão de Polícia Montada. Para a inscrição, é importante levar relatórios médicos que comprovem a condição adequada à prática da atividade.



# São Bento, o hotel onde o Brasil se encontrava

## Iphan não consegue encontrar responsáveis e edifício onde funcionou hotel corre risco

Fernanda Santana Lima

**N**a última vez em que as portas do Hotel São Bento, hoje tampadas por cimento, abriram, pouco havia restado do passado senão as lembranças. A morte do proprietário Geraldo, em 1999, decretara o fim de um dos mais tradicionais hotéis da Avenida Sete. Há sete anos, com o arruinamento avançado, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) decidiu procurar os donos do sobrado. Desde então, não há

indício do paradeiro de quem responde pelo prédio tombado como patrimônio brasileiro. O antigo hotel dos caixeiros viajantes precisa de uma reforma para se manter de pé.

A tinta estava descascada e poucas eram as janelas intactas quando o Iphan começou a acompanhar a destruição. Como faz parte do perímetro do Centro Histórico, reconhecido como patrimônio cultural da humanidade pela Unesco, a estrutura passou por vistorias. Numa delas, em 2013, técnicos confirmaram que, se não houvesse uma

intervenção, o prédio estava em risco. Foi quando empacaram na falta de respostas. Como não possui competência legal para desapropriar imóveis, como explicou à reportagem, o órgão diz seguir na tentativa de encontrar os herdeiros.

Nem os números de telefone fixados nas duas placas de “Vende-se” nos levaram aos proprietários. A chamada não completa. Os contatos foram colocados ali há menos de cinco anos, como relataram ambulantes que trabalham na região e viajantes. Ao lado do prédio, o antigo Colégio Esperanto também definha. Como também definha um sem número de patrimônios de Salvador, a terceira cidade do país com maior quantidade de bens tombados pelo Iphan – são 155.

A história do Hotel São Bento, vizinho do primeiro mosteiro beneditino da América, do auge à quase completa destruição, começa há mais de 80 anos. Era ali, distribuído pelos três andares, que o Brasil se encontrava.

### O hotel dos caixeiros viajantes

O térreo era o andar do restaurante e o porão dos menos afortunados. O primeiro e o segundo andar eram reservados aos hóspedes mais bem pagos. Era certa a presença de caixeiros viajantes de todo o país naquele ponto. Ali mesmo, no largo, podiam negociar as mercadorias. Sem falar que estavam de frente para a avenida mais movimentada de



Florisvaldo e Jardes lembram de quando se hospedavam no hotel



Salvador. “Era um hotel central e o mais em conta. Era um hotel bom com um preço bom. Oferecia café da manhã”, lembra o comerciante Jardes Monteiro, 54, de Recife, encontrado na praça pela reportagem. Os concorrentes eram os Glória e Américo. Mas o São Bento era tradição.

Seu Geraldo acompanhava o negócio de perto. Passava poucas horas na casa onde vivia com a família, na Rua Carlos Gomes. Às vezes, fazia do hotel seu lar. “Era muito zeloso, tomava conta da cozinha, era quem despachava a comida. Enchia tudo de beterraba. Dizia que fazia bem para o sangue”, recorda, bem humorado, outro vendedor, Adelmo Mariano, 66, que em 1973 se hospedou pela primeira vez no hotel. Depois de 30 anos sem visitar o largo, espantou-se com. “É uma pena ver isso assim”, lamenta.

A situação começou a piorar conforme piorava a saúde de Geraldo, já um senhor quando o São Bento enfim conseguiu se firmar, a partir da década de 80. A família não parecia querer dar seguimento ao patrimônio. “Os filhos chegavam a aparecer. Mas não era disso que gostavam. Eram vaidosos, tinham condição financeira boa”, diz o comerciante Florisvaldo Barbosa, 80.

Lá, junto com amigos, chegou a assistir apresentações de Drag Queens. O bar era bastante movimentado, os eventos eram recorrentes. No início da noite, assistiam ao Jornal Nacional na úni-

ca televisão do hotel, no salão principal. Depois, costumavam subir para os bregas da Praça da Sé ou Baixa dos Sapateiros. “Mas era coisa de família, não era hotel de casais não”, faz questão de frisar, como se em respeito ao falecido.

Os antigos hóspedes costumam associar a deterioração a dois fatores: Seu Geraldo não era afeito a modernidades, as reparações no hotel eram poucas; e a família não parecia disposta a levar o negócio adiante. O movimento na região também havia ficado menor, com o deslocamento do centro comercial da cidade para mais ao norte do mapa. “Se chegasse aqui hoje, Geraldo não sobrevivia. A vida dele era isso aqui”, comenta Florisvaldo. À frente, o hotel espera um desfecho. E que não seja aquele indicado pelas ruínas.

### Avenida dos hotéis

Da Rua Chile à Avenida Sete, os hotéis não só configuram a paisagem do local, como fazem parte da história. A poucos metros, o atual Fera Palace, antigo Palace Hotel, da década de 30, hospedou personalidades como Carmen Miranda. O Hotel Fasano, de frente para a Praça Castro Alves, foi a casa do Jornal A Tarde quando sequer recebia hóspedes. Por anos, as lembranças ficaram perdidas entre o abandono. Agora, os turistas voltam a circular. O antigo point volta a atraí-los. E os hotéis começam a ressurgir.

O historiador Juarez Bonfim, dedicado à memória do Centro Histórico, acredita na fase de revitalização do perímetro. Por isso, tamanho interesse da iniciativa privada em investir em negócios no local. Acontece um processo similar ao do início dos anos 90, quando a área foi revitalizada. “A Prefeitura voltou a incentivar a presença nesses espaços. Fez isso através de obras de requalificação, de diálogo com o setor turístico. Claro, isso exclui algumas realidades. Sociais e também históricas”, explica.

No primeiro semestre de 2019, cresceram as especulações de que o Palácio do Rio Branco, primeira governadoria brasileira, por exemplo, poderia ser transformado em hotel. O interesse foi confirmado tanto pelo grupo estrangeiro interessado como pela Secretaria de Turismo do Estado. “A valorização traz consigo problemáticas, como é natural. É necessário revitalizar. Mas como faremos isso?”, questiona.

Aquela região já foi a mais valorizada da cidade. O geógrafo Luiz Requião pesquisou a presença de hotéis na cidade de Salvador ao longo dos anos. Dos 19 maiores da década de 60, pelo menos 10 estavam o Centro. Entre eles, o Hotel São Bento, acompanhado de hotéis como o Hotel Chile, um dos poucos que resistiram ao tempo. A Associação Brasileira da Indústria de Hotéis na Bahia respondeu que não é possível levantar quantos são os hotéis existentes no perímetro.

Abandonado, hotel tem portas tapadas por cimento e estrutura danificada



Fotos: Walter Mauro/Labfoto



# No embalo da percussão

## Entre tambores e ritmos: do que é feito o samba-reggae?

Luísa Carvalho

**A** batida metálica dos repiques se une ao som grave dos surdos e é iniciada a canção Madagascar Olodum. Com trechos que contam a história de reinos do país africano, conclamam a luta contra o apartheid e exaltam o povo negro, a música abre o álbum de estreia da banda Olodum, Egito Madagascar, lançado em 1987. A sua sonoridade e temática simbolizam um gênero musical que, influenciado por aspectos religiosos e políticos da cultura afro-brasileira, se consolidava nesse período: o samba-reggae.

A mescla do samba-duro baiano e do reggae da Jamaica com os diversos sons presentes em um momento de ebulição cultural de Salvador dão a nota ao estilo que nasce entre os blocos-afro Olodum, Muzenza e Malê Debalê durante a década de 1980. Caracterizado pelo diálogo entre instrumentos percussivos e os vocais, o ritmo é uma construção coletiva que se origina em um contexto de assimilação de referências da musicalidade local com a sonoridade latina e africana. “Os pretos de Salvador se juntam aos pretos de Kingston [capital jamaicana]. É a solidariedade dos negros da diáspora”, explica o jornalista James Martins, 40, sobre o surgimento do gênero.

### União de ritmos

“O samba-reggae surge muito mais como sentimento do que como técnica”, define Mestre Jack-

son, 56, regente da bateria do Olodum nos anos de 1980. Para ele, o gênero é proveniente da improvisação percussiva tocada nas ruas. Por conta dessa origem no improviso, músicos do gênero consideram que ele não deriva apenas da junção de dois ritmos, mas da mescla de muitas sonoridades. “A gente tem incorporado tantas outras células de ritmos de matriz africana, do funk e da música caribenha”, afirma Vivian Caroline, 39, diretora cultural da banda Didá. “Não é somente uma mistura do samba com o reggae”, completa Vivian. Também o maracatu, o merengue, a marcha-rancho e a estética do soul norte-americano são considerados por percussionistas importantes para a fundamentação do gênero baiano.

Não se sabe ao certo qual bloco-afro teria sido o seu precursor e a origem do termo samba-reggae é motivo de dissenso entre músicos e pesquisadores. “É controverso precisar o início. Existe pouca documentação”, afirma Martins. No entanto, uma das primeiras modificações no samba-afro, ritmo tocado pelos blocos negros, em sentido a uma junção com a levada do reggae foi feita por Valdir Lascada, o primeiro regente do Olodum, para a música Coração Rastafari em 1981. Para o som da composição de Djalma Luz e Raimundo Bujão, ambos li-

gados ao Malê Debalê, o mestre de percussão introduziu o uso de duas baquetas nos surdos de dobra na tentativa de se aproximar da clave do reggae. Essa introdução, hoje, é tida como a base melódica do ritmo.

Apesar de todos os nomes que surgem no processo de construção coletiva do gênero, um se destaca por sua forte relação com ele. Antônio Luís Alves de Souza, conhecido por Neguinho do Samba, é persona-

gem-chave e, em 1987, é batizado pela mídia como o criador do ritmo. “Ele teve a capacidade de coordenar tudo”, diz James Martins. Com passagem pelo Ilê Aiyê, tendo sido um de seus fundadores na década de 1970, é a partir de sua chegada no Olodum, em 1983, que mestre Neguinho se dedica às novas sonoridades. A difusão do uso de duas baquetas do mestre Lascada e a inclusão tanto de uma segunda vareta no repique quanto de referências latinas, como os timbales, feitas pelo

percussionista, assinalam uma renovação e sua importância para o gênero.

### Ao som dos tambores

O samba-reggae é, inicialmente, tocado nas ruas e quadras de blocos por instrumentos de percussão. Nos grupos percussivos, é essencial a presença dos surdos, do repique e do tarol. Os surdos, de som mais grave, se dividem em três tipos: fundo, marcação de uma e marcação de duas. O repique produz os sons mais secos, agudos e rápidos do estilo. Costuma ficar na linha de frente da banda e é acompanhado pelo tarol, que se difere pela afinação um pouco mais aguda. Ainda que a música seja feita principalmente com tambores, eles podem variar de acordo com as bandas. “Nenhum mestre disse que eram apenas esses instrumentos. Isso acaba sendo muito pessoal do regente”, afirma mestre Jackson.

Durante o período em que era regente do Olodum, Neguinho incluiu o uso dos timbales, instrumento caribenho, pelo mestre de bateria. Já na Didá, banda da qual foi fundador, a condução da maestrina sempre foi feita pelos repiques. Alguns grupos, como a Timbalada, acrescentaram em sua música o timbau. Além das variações de instrumentos, o som e a tonalidade das bandas se diferenciam, também, por conta da afinação dos tambores e da disposição dos instrumentos ao longo do grupo. De acordo com os músicos, cada grupo afina e organiza seus tambores de uma maneira própria. “Na Didá, os surdos de marcação já foram do meio para a frente. Essas mudanças são importantes para experimentar”, explica Vivian, defensora da renovação do ritmo.

No final da década de 1980, uma alteração significativa ocorre no samba-reggae: a inclusão dos instrumentos harmônicos. Os tambores passaram a ressoar na companhia de guitarra, baixo, teclado, sax e trompete. O pioneiro a fazer isso é o Ara Ketu, com álbum homônimo, em 1992. A partir de uma sonoridade mais eletrônica, o grupo começa a se afastar da tonalidade percussiva presente em seus primeiros álbuns e se direciona a uma música mais pop. No ano seguinte, é a vez do Olodum com o disco O Movimento, gravado três anos depois da inserção da banda na world music, após participação na música The Obvious Child, do americano Paul Simon.

### O sagrado e o político

Na sua famosa visita ao Brasil, em 1980, Bob Marley afirmou que “o reggae tem a mesma raiz, o mesmo calor e o mesmo ritmo do samba”. Os dois gêneros de principal influência para o samba-reggae são herdeiros de uma mistura de ritmos e tradições que se relacionam com aspectos espirituais: o movimento político do rastafarianismo jamaicano e o batuque associado ao culto aos orixás pelos afro-brasileiros. O vínculo com o sagrado e com o



político, também, é notado nas letras do samba-reggae. “O letramento estético conta a história dos povos negros por meio de várias maneiras de fazer arte”, explica a antropóloga Goli Guerreiro, 55, sobre a lírica do gênero.

Faraó, Divindade do Egito, primeiro grande sucesso, é um exemplo. Durante o carnaval de 1987, a história dos deuses Osíris, Ísis, Horus e Seth era cantada de “forma avassaladora”, como já descreveu Caetano, pelas ruas do Pelourinho. Na canção do Olodum, o compositor Luciano Gomes, evoca a grandeza da civilização antiga para enaltecer a África e o povo negro. “Eu quis trazer essa história dos deuses de uma forma mais romântica e felizmente as pessoas gostaram”, lembra Luciano, 53. Em Guerrilheiros da Jamaica, escrita por Ythamar Tropicália e Roque Carvalho para o Muzenza, além de tratar do pan-africanismo, a música faz referência ao rum, rumpi e lé, atabaques sagrados utilizados em terreiros de candomblé e umbanda.

### E o axé?

Ambos resultantes da efervescência cultural baiana da década de 1980, o samba-reggae e o axé são erroneamente confundidos. “O equívoco é porque há a impressão de que o axé é um ritmo, mas não é. Ele é um movimento estético”, diz James Martins. O gênero afro serviu de base rítmica para o axé e sua relação foi intensa com alguns artistas do movimento. “Axé é um encontro do samba-reggae com o frevo baiano”, acredita Guerreiro, “Não existe axé sem samba-reggae, mas existe samba-reggae sem axé”, completa. Fortemente influen-

ciada pelo ritmo dos blocos afro, Daniela Mercury, consagrada na década de 1990 rainha da axé music, realizou colaborações com o Olodum e com compositores do Muzenza nos seus dois primeiros álbuns que resultaram nos hits Swing da Cor, Menino do Pelô e O Canto da Cidade.

Apesar dos pontos de convergência rítmicas, em termos líricos as diferenças são grandes. A canção Fricote, de Luiz Caldas, considerada a música-

-embrião do axé, possui um tom preconceituoso e depreciativo às mulheres negras, o que vai de encontro à exaltação posta pelo gênero dos blocos afro. As letras do samba-reggae têm inquietações que não estão sempre presentes no axé, que tem caráter mercadológico. O canto dos blocos afro, não. “O samba-reggae é feito para dançar com o dedo na ferida. O louvor à cidade é feito pelo posicionamento crítico”, define James.

De 1994 a 2019, Banda Didá se destaca pela renovação do samba-reggae



Foto: Alessandra Benini/Labfoto

Arquivo Didá/Divulgação





# Vinil 'back in bahia'

## Entre feiras e lojas especializadas, o mundo dos bolachões em Salvador é um universo particular

Gabriel Vieira Bastos

Foto: Alessandra Benini/Labfoto

Os espaços culturais de Salvador, sejam eles quais forem, ainda resistem às mudanças que vêm transformando técnico e digitalmente o mundo moderno. Livrarias ou lojas especializadas em algum tipo de mídia perdem espaço no mercado a cada ano, diante da concorrência com as grandes companhias que operam pelo mundo cibernético. Mesmo os livros físicos ainda sendo alvo de interesse para muitos, no que diz respeito à música, a mídia física também tem voltado a ocupar espaço na vida das pessoas.

Mesmo após a transição do CD para o digital, os discos de vinil sempre foram bastante presentes na vida tanto de apreciadores mais assíduos de música, quanto nas dos próprios músicos que utilizam discos como ferramenta de trabalho.

No Brasil, em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, já há algum tempo, existem lojas, sebos e feiras especializadas na venda dos "bolachões". A internet também é uma ferramenta importante no mercado nacional, com grupos em redes sociais destinados a venda e troca desse material.

Na capital baiana, para quem se interessa por esse tipo de mídia e experiência, o cenário é dividido em dois ambientes: as lojas de discos espalhadas pela cidade, situadas, em grande parte, no Centro da cidade; e nas feiras de venda de discos, sobretudo eventos como o Big Bazar, que acontece quinzenalmente no bairro Rio Vermelho.

### O Mercado Soteropolitano

Na Praça da Sé é possível se atordoar com a quantidade de sons que vêm do local. São os famosos carrinhos de café sonorizados, lojas de instrumentos musicais ou mesmo as performances que convivem simultaneamente no local. Mas, no estreito passeio localizado à direita da praça – para

quem vai ao Terreiro de Jesus – a "Minisom" chama atenção pelas músicas atípicas.

Jorge Almeida, dono da pequena loja, tem notado uma melhora no cenário: "Apesar de ser um mercado muito seletivo, diria que o aumento nas vendas nesses últimos anos foi em torno de 20%", arrisca o comerciante. "Mas, como estamos numa área extremamente turística, há períodos em que as vendas são baixíssimas", continua.

é composto pelo que vem comprando e acumulando ao longo das décadas. "Também uso a internet para pegar material importado, por exemplo", afirma o comerciante.

### Retomada do Convívio Social

No outro lado do mercado de discos soteropolitano, acontece quinzenalmente aos domingos, no bairro do Rio Vermelho, o Big Bazar no Mercado Criativo Colaborativo. O evento segue a mesma lógica do espaço: promover trocas culturais e criativas. No bazar, organizado pelo produtor e DJ Rogério Brito, mais conhecido como Big Bross, a venda de discos de vinil é o principal foco.

Diversos vendedores que também são membros do Clube do Vinil de Salvador se reúnem ali. Cristiane Delecrode, que ajuda Big Bross na organização do bazar, conta que o mercado nacional tem aberto os olhos para a volta da mídia nos últimos tempos. "O fato de desde artistas já consagrados, como Pitty, estarem lançando seus trabalhos em vinil e empresas de som estarem produzindo equipamentos, como os próprios toca discos e amplificadores, mostra que há um aumento da procura dessa mídia pelas pessoas", diz Cristiane enquanto segura um lançamento em vinil da Big Bross Produtora.

Cristiane acredita que muito desse movimento se dá pelo desejo das pessoas de escutarem a música numa qualidade melhor: "O CD se mostrou uma mídia totalmente descartável, e o digital, mesmo num formato super avançado, ainda não vai ter a mesma qualidade. Fora que a prática de escutar um disco é algo, de fato, cultural" afirma. "O vinil tem esse poder de aproximar as pessoas, ele possibilita a retomada do convívio social", completa.

"O CD se mostrou uma mídia totalmente descartável, e o digital, mesmo num formato super avançado, ainda não vai ter a mesma qualidade. Fora que a prática de escutar um disco é algo, de fato, cultural" afirma. "O vinil tem esse poder de aproximar as pessoas, ele possibilita a retomada do convívio social", completa.



Mas nem todos dividem a mesma impressão de Jorge. Haniel Dias, proprietário do Bazar Som Três, no bairro de Nazaré, é mais cético a respeito do assunto: "Tenho essa loja há 15 anos e não vejo tanta diferença nesses últimos tempos comparado a quando comecei. Minha clientela não tem mudado tanto". Mesmo assim, o varejista percebeu uma frequência maior de jovens à sua loja: "Realmente, pessoas mais jovens, que não são da época do vinil, têm vindo comprar discos aqui", completa.

A venda e conserto de equipamentos de som também faz parte do dia a dia e da renda de Haniel. "Existe uma rotatividade grande dos aparelhos. Outro dia tinha acabado de consertar uma boa vitrola e logo depois a compraram", diz. Seu acervo